

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS – FALE
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Anne Dayse Barbosa Sousa Magalhães

A FORMAÇÃO DE LEITORES/AS E A ANÁLISE DO DISCURSO:
DESNATURALIZANDO AS EVIDÊNCIAS DE SENTIDO PRODUZIDAS PELAS
FAKE NEWS

Maceió
2021

ANNE DAYSE BARBOSA SOUSA MAGALHÃES

**A FORMAÇÃO DE LEITORES/AS E A ANÁLISE DO DISCURSO:
DESNATURALIZANDO AS EVIDÊNCIAS DE SENTIDO PRODUZIDAS PELAS
*FAKE NEWS***

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal de Alagoas, na área de concentração em Linguagens e Letramentos, para defesa pública, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Helson Flavio da Silva Sobrinho

Maceió

2021

**Catálogo na fonte Universidade
Federal de Alagoas Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

M188f

Magalhães, Anne Dayse Barbosa Sousa.

A formação de leitores/as e a análise do discurso : desnaturalizando as evidências de sentido produzidas pelas *fake news* / Anne Dayse Barbosa Sousa Magalhães. – 2021.

96 f. : il. color.

Orientador: Helson Flavio da Silva Sobrinho.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN. Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. PROFLETRAS. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 87-90.

Anexos: f. 91-96.

1. Análise do discurso. 2. *Fake news*. 3. Produção de sentidos - Evidência.
4. Formação de leitores - Ensino fundamental. I. Título.

CDU: 81'42

 UFAL	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS FACULDADE DE LETRAS MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS	
---	--	---

TERMO DE APROVAÇÃO

ANNE DAYSE BARBOSA SOUSA MAGALHÃES

Título do trabalho: “A FORMAÇÃO DE LEITORES/AS E A ANÁLISE DO DISCURSO: DESNATURALIZANDO AS EVIDÊNCIAS DE SENTIDO PRODUZIDAS PELAS FAKE NEWS”

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em Letras, área de concentração Linguagens e Letramentos, em 01 de março de 2021, pelo Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

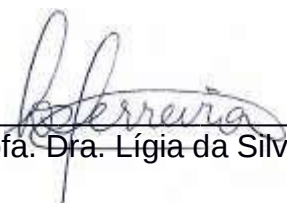


Prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho (PROFLETRAS/UFAL)

Examinadores:



Prof. Dra. Lidia Maria Marinho da Pureza Ramires (ICHCA/UFAL)



Prof. Dra. Ligia da Silva Ferreira (PROFLETRAS/UFAL)

Maceió, 01 de março de 2021.

*Dedico este trabalho em memória
da minha prima/irmã Karmem Hellen.*

Sua partida foi um divisor de águas na minha vida e aprender a lidar com o vazio deixado por essa despedida foi a coisa mais difícil que eu já tive que fazer até agora. Só foi possível prosseguir nas aulas e na conclusão do mestrado porque sua força e sua fé me apoiaram daqui; além da certeza de que, apesar de só ter estado conosco por 20 anos, você teve uma linda vida e sempre será lembrada por todos/as que tiveram a honra de te conhecer.

AGRADECIMENTO

A Deus, primeiramente, por ter me feito entender que tudo tem um tempo e um propósito; e por me conceder discernimento e sabedoria para poder prosseguir na jornada.

À minha família, por todo suporte e incentivo, especialmente a minha mãe por ser força, exemplo e porto seguro sempre; a minha irmã Thayse, por sempre me ajudar e ser minha companheira diária, além de todo o incentivo dado ao longo desses dois anos de Mestrado; a minha tia/mãe Edilene por ser força e suporte constantes na minha vida; e ao meu pai, por me fazer entender na prática o quanto é urgente tratar das *Fake News* e quanto dano elas podem trazer.

Ao meu noivo Edivaldo, pela paciência quando precisei me fazer ausente para estudar e produzir; por todo suporte e incentivo dado a mim, sua cumplicidade e companheirismo foram muito importantes para eu achar o equilíbrio.

A todas as minhas amigas por incentivarem e entenderem minha ausência em alguns momentos, não as cito porque sou abençoada com muitas amigas verdadeiras e fiéis.

Ao professor Helson pelas orientações dadas ao longo dessa pesquisa, como professora sei o quanto nos foi ainda mais difícil nos concentrarmos no trabalho num ano tão conturbado quanto o de 2020, muito obrigada pela paciência e didática ao me ajudar nessa caminhada.

Aos/As demais professores/as do PROFLETRAS/UFAL por todo ensinamento ofertado ao longo do curso, suas aulas me fizeram e fazem ter um olhar diferente para a minha prática.

As minhas colegas e ao meu colega de curso por serem companheiros/as e terem feito dessa trajetória um percurso mais suave e divertido, os/as levarei comigo sempre, em especial a Bia e a Maria Luiza por dividirem comigo a caminhada de mais longe, já que éramos as três “forasteiras”, que não moram em Maceió, e minhas parceiras de grupos de trabalho.

Aos/Às alunos/as dos 9º anos, sei que não foi fácil, mas vocês são os maiores responsáveis pela conclusão dessa pesquisa; obrigada por toda dedicação durante as aulas e atividades solicitadas.

A todos e a todas que me incentivaram, torceram por mim e fizeram dessa jornada mais leve, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa-ação desenvolvida no PROFLETRAS com o objetivo de analisar os gestos de leitura dos/as alunos/as do 9º ano de uma escola de Ensino Fundamental do município de Girau do Ponciano/AL sobre os efeitos de evidências de sentido produzidas pelas *Fake News* que circularam sobre o novo coronavírus no ano de 2020. A pesquisa buscou criar estratégias de leitura capazes de, junto com os/as estudantes, identificar *Fake News* e problematizar os gestos de interpretação que levam tantas pessoas a caírem facilmente nessa rede de notícias falsas. Partimos do pressuposto que cabe à escola o papel de formar leitores/as críticos/as e isso implica questionar a leitura superficial e acrítica presente na chamada era digital. Assim, o/a professor/a, especialmente de Língua Portuguesa, precisa produzir práticas que favoreçam a formação de leitores/as críticos/as diante da proliferação das *Fake News*. Nossa metodologia é de cunho qualitativo. Os dados coletados foram analisados a partir dos conceitos da Análise do Discurso (AD). Para tanto, este trabalho teve como base teórica os/as seguintes autores/as: Florencio *et al.* (2009), Mariani (2018), Orlandi (2007, 2009, 2012), Pêcheux (2008, 2014). Através de pesquisa realizada entre os/as alunos/as, observamos que 85% se informam através de redes sociais e, somente, 6,8% se consideram bem informados/as. Com o desenvolvimento das atividades que discutiam e analisavam a constituição, a formulação e a circulação de sentidos advindos das *Fake News*, os/as alunos/as concluíram pela importância de uma leitura crítica capaz de combater a disseminação de notícias falsas.

Palavra-chave: Análise do Discurso. *Fake News*. Efeitos de evidências de sentido. Formação de leitores/as. Ensino fundamental.

ABSTRACT

This dissertation is the result of an action research developed at PROFLETRAS with the objective of analyzing the reading gestures of the ninth grade students in an elementary school in the municipality of Girau do Ponciano / AL on the effects of sense evidence produced by Fake News that circulated about the new coronavirus in 2020. The research aimed to create reading strategies capable of, together with students, identifying Fake News and problematizing the gestures of interpretation that lead so many people to fall easily into this network of Fake News. We start from the assumption that the school responsibility it is to form critical readers and this implies questioning, the superficial and uncritical reading present in the Digital Age. Thus, especially the Portuguese teacher, needs to produce practices that favor the formation of critical readers in the face of the spreading of Fake News. The methodology is qualitative. The collected data were analyzed using the concepts of Discourse analysis (DA). For this purpose, this paper is based on: Florencio et al. (2009), Mariani (2018), Orlandi (2007, 2009, 2012), Pêcheux (2008, 2014). Through research carried out among students, we observed that 85% are informed through social networks and only 6.8% consider themselves well informed. By the development of activities that discussed and analyzed the constitution, formulation and circulation of meanings deriving from Fake News, the students concluded that it is important to have a critical reading capable of combating the spread of Fake News.

Keyword: Discourse Analysis. Fake News. Effects of evidence of meaning. Forming readers. Elementary School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto da fachada do Complexo Municipal Deputado José Medeiros.....	33
Figura 2 – Foto das dependências do Complexo.....	33
Figura 3 – Foto das dependências do Complexo.....	34
Figura 4 – Print da primeira parte de uma mensagem recebida pelo aplicativo <i>Whatsapp</i>	37
Figura 5 – Print da segunda parte de uma mensagem recebida pelo aplicativo <i>Whatsapp</i>	37
Figura 6 – Print da terceira parte de uma mensagem recebida pelo aplicativo <i>Whatsapp</i>	38
Figura 7 – Imagem compartilhada pelo <i>Whatsapp</i>	38
Figura 8 – Imagem retirada do site Correio Braziliense.....	39
Figura 9 - Imagem retirada do Site Lupa.....	39
Figura 10 – <i>Print</i> da página inicial da sala de uma turma no <i>google sala de aula</i>	42
Figura 11 – <i>Print</i> da solicitação no <i>google sala de aula</i>	43
Figura 12 – <i>Print</i> do questionário no <i>google formulário</i>	43
Figura 13 – Gráfico das respostas da primeira questão	44
Figura 14 – Gráfico das respostas da segunda questão	44
Figura 15 – Gráfico das respostas da terceira questão.....	45
Figura 16 – Gráfico das respostas da quarta questão	46
Figura 17 – Gráfico das respostas da sexta questão	47
Figura 18 – Gráfico das respostas da oitava questão.....	48
Figura 19 – Primeiro slide da apresentação sobre Tipos de <i>Fake News</i>	49
Figura 20 – Terceiro slide da apresentação sobre os Tipos de <i>Fake News</i>	50
Figura 21 – Quinto slide da apresentação sobre os Tipos de <i>Fake News</i>	51
Figura 22 – Questionário sobre vídeo "Chicken Little"	52
Figura 23 – <i>Print</i> da atividade solicitada no <i>google sala de aula</i>	56
Figura 24 – <i>Print</i> da atividade realizada no grupo de <i>whatsapp do 9º A</i>	57
Figura 25 – Atividade sobre fatos e opiniões	58
Figura 26 – <i>Print</i> de mensagem enviada a uma aluna no <i>whatsapp</i>	60
Figuras 27 e 28 – <i>Prints</i> de conversa com alunos/as.....	61
Figura 29 – <i>Print</i> da aula no <i>google meet</i>	62
Figura 30 - <i>print</i> da conversa no grupo de <i>whatsapp</i> da turma	64
Figura 31 – Mensagem retirada do vídeo produzido pelos/as alunos/as	66
Figura 32 – <i>Print</i> da frequência do 9º A feita no <i>whatsapp</i> da turma	67
Figura 33 – <i>Print</i> da frequência do 9º B feita no <i>whatsapp</i> da turma	67

Figura 34 – <i>Print</i> da página principal do questionário	68
Figura 35 – Gráfico das respostas da primeira questão	68
Figura 36 – Gráfico das respostas da segunda questão	69
Figura 37 – Gráfico das respostas da quinta questão	71
Figura 38 – <i>Print</i> da solicitação da atividade no <i>google</i> sala de aula.....	73
Figura 39 – <i>Print</i> do vídeo da aluna postado em seu perfil no <i>instagram</i>	74
Figura 40 – <i>Print</i> do vídeo publicado no <i>instagram</i> pessoal da aluna	75
Figura 41 – <i>Print</i> do envio do vídeo no grupo de <i>whatsapp</i> da turma	75
Figura 42 – <i>Print</i> da capa da postagem feita no <i>instagram</i> do aluno	76
Figura 43 – <i>Print</i> de uma parte da postagem do aluno.....	76
Figura 44 – <i>Print</i> da parte final da postagem do aluno	77

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	ANÁLISE DO DISCURSO E INTERPRETAÇÃO	15
2.1	Condições de produção, Formações discursivas e Formações ideológicas	17
2.2	Interdiscurso, Intradiscurso e Memória Discursiva	20
3	EDUCAÇÃO E ESPAÇO VIRTUAL	23
2.2	<i>Fake News</i>, discurso e sujeito.....	25
3.2	A Escola e a leitura de <i>Fake News</i>.....	29
4	TEXTOS MIDIÁTICOS E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	31
4.1	Contexto de pesquisa	32
4.2	Planos de aula.....	34
4.3	Metodologia e análise da sequência didática.....	41
4.3.1	Primeiro plano de aula – o questionário	42
4.3.2	Segundo plano de aula – os tipos de <i>Fake News</i>	49
4.3.3	Terceiro plano de aula – a linguagem e a produção de evidências, o boato	51
4.3.4	O quarto plano de aula – fato x opinião.....	56
4.3.5	Quinto plano de aula – analisando <i>Fake News</i>	60
4.3.6	Sexto plano de aula – por que se acredita e se dissemina <i>Fake News</i>?	66
4.3.7	Sétimo plano de aula – como identificar <i>Fake News</i>?	73
4.3.8	As evidências de sentido e o sujeito/aluno/a – uma análise dos dados.....	77
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
	REFERÊNCIAS.....	87
	ANEXOS.....	90
	Anexo A – Decreto Municipal nº 09/2020, de 17 de março de 2020.	91

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação é resultado de pesquisa desenvolvida para o Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), curso que me fez refletir sobre a minha prática pedagógica e a importância de se fazer uma pesquisa-ação em sala de aula, assumindo uma posição de professora-pesquisadora.

Formar leitores/as críticos/as é uma das principais responsabilidades de todo/a professor/a de Língua Portuguesa, especialmente quando levamos em consideração a relação da leitura no que se vem sendo chamada de era digital. No entanto, apesar do surgimento de novos gêneros textuais e canais de comunicação motivados pela internet através de *e-mail*, *tweet*, *facebook*, *instagram*, *whatsapp*, *meme* etc., bem como do acesso quase que ilimitado a todo tipo de texto e a rapidez da difusão de informações, os gestos de leitura parecem se apresentar na superficialidade, pois os alunos e as alunas, muitas vezes, acabam não pesquisando a confiabilidade do texto lido e compartilhado, tornando o trabalho do/a professor/a ainda mais desafiante.

Para além da compreensão de textos, temos nos deparado com um novo desafio que é saber lidar com as *Fake News*. É inegável a existência de uma indústria de notícias falsas e de venda de dados dos/as usuários/as de redes sociais no Brasil e no mundo ganhando o espaço que antes pertencia ao discurso jornalístico e que se amplia com a popularização das redes sociais. De acordo com Mello (2020, p. 31):

O Intercept¹ fez matéria sobre o uso de dados de brasileiros, sem autorização, e microdirecionamento de mensagens para eleitores. Com a venda de cadastros que reuniam nomes, CPFs, idade, localização geográfica, faixa de renda e outras informações, era possível identificar temas relevantes para cada grupo e enviar mensagens que tivessem maior impacto entre as pessoas.

Poderíamos levantar o questionamento dizendo que esse fenômeno é paradoxal porque a população hoje parece ser mais bem informada, pois, em hipótese, tem acesso indiscriminado às informações. Nessa direção de argumentação, deveria ter uma leitura mais crítica do mundo, e isso evitaria criar e acreditar nas chamadas *Fake News*. No entanto, não é isso o que acontece.

Entendemos que as consequências das *Fake News* podem ser muito mais perigosas do que simplesmente a da desinformação. Segundo Campos (2019), para o *site* do Brasil Escola, “divulgar *Fake News* é um ato muito perigoso. Compartilhar informações falsas, fotos e

¹ Agência de notícias conhecida por seu jornalismo investigativo.

vídeos manipulados e publicações duvidosas pode trazer riscos para a saúde pública, incentivar o preconceito e resultar em mortes”.

É nesse terreno de ausência de leitura crítica que as *Fake News* encontram fertilidade; portanto se faz necessário, para o/a professor/a de Língua Portuguesa, criar estratégias de leituras e pesquisas que propiciem e exercitem a criticidade leitora desses/as jovens que andam substituindo leituras de textos mais aprofundados e confiáveis por manchetes de notícias sensacionalistas e/ou notícias falsas.

Pensando nisso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo do Ministério da Educação (MEC) que define o conjunto de aprendizagens essenciais de todos/as os/as alunos/as durante sua vida escolar, estabeleceu habilidades que destacam a importância de se trabalhar a temática da desinformação em sala de aula, como, por exemplo, a Habilidade EF09LP01 destinada aos/às estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental nas aulas de Língua Portuguesa, que trata de:

Analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las, a partir da verificação/avaliação do veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, da análise da formatação, da comparação de diferentes fontes, da consulta a sites de curadoria que atestam a fidedignidade do relato dos fatos e denunciam boatos etc. (BRASIL, 2018, p. 177)

Se cabe à escola o papel de formar leitores/as críticos/as, recai também sobre ela o problema da leitura superficial e acrítica advinda da chamada era digital e, por isso, é preciso que o/a professor/a, especialmente de línguas, encontre estratégias para a formação de leitores/as críticos/as na era da proliferação das *Fake News*.

Desse modo, para além do desenvolvimento de estratégias de reconhecimento de notícias falsas, os objetivos deste trabalho são: possibilitar aos alunos e às alunas a compreensão crítica dos propósitos e sujeitos envolvidos no processo de difusão de *Fake News* e problematizar os gestos de interpretação que levam tantas pessoas a caírem facilmente nessa rede de notícias falsas.

Para realizar essa pesquisa-ação, estamos filiados à perspectiva teórica da Análise do Discurso (AD) na linha de Michel Pêcheux e também de Eni Orlandi. Dessa posição teórico-política, compreendemos a linguagem enquanto discurso, prática de sujeitos em sociedade, significando o mundo e sendo significado por ele nas relações sócio-históricas.

O presente trabalho, sendo uma pesquisa do mestrado profissional em Letras, tem um caráter de pesquisa-ação, com abordagem qualitativa em que o/a professor/a é também o/a pesquisador/a. Segundo Thiollent:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. (THIOLLENT, 1985, p. 14)

Como foi dito, para a análise dos dados coletados, foram usados os conceitos da teoria da Análise do Discurso para problematizar a produção de sentidos e os efeitos de evidência no reconhecimento de notícias falsas. Trabalhamos mais precisamente com a discussão acerca dos processos de construção de sentidos advindos das *Fake News*, como afirma Mariani (2018, p. 10):

Como analistas do discurso, visamos compreender e analisar os processos de produção de efeitos de verdade, ou seja, os processos de produção dessas interpretações que se produzem como verdadeiras em seus modos de produzir evidências e aderências.

As notícias que foram levadas para discussão com os/as alunos/as do 9º ano do ensino fundamental tiveram como tema a Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus que se espalhou pelo mundo e que foi acompanhada por um número elevado de desinformações e *Fake News*, como nos informa Richtel, do *New York Times*, em 7 de fevereiro de 2020:

Com a ameaça do coronavírus crescendo, Aleksandra Kusmanovic sentou-se diante do seu computador, em Genebra, na segunda-feira, e enviou um importante e-mail de saúde pública. Ela trabalha na Organização Mundial da Saúde (OMS) e seu trabalho é avaliar e conter algo que vem se propagando globalmente, e não se trata do perigoso vírus, mas de informações falsas perigosas.

Alguns integrantes da OMS (Organização Mundial de Saúde) passaram a se referir a isso como **infodemia**. O *site* de checagem de informações e notícias brasileiro, **Aos Fatos**, até dia 30 de abril de 2020, havia checado 82 mensagens sobre o tema que iam desde “falsas promessas de cura a ataques ao distanciamento social adotado pelos estados para conter o novo coronavírus” (RIBEIRO, 2020). A desinformação sobre o assunto ganhou grandes proporções no Brasil, a ponto de liderar o *ranking* dos países em que mais se checou informação sobre números de doentes e óbitos no mundo. Conforme nos diz Moraes (2020), para a Agência Lupa, *site* de checagem de fatos:

O Brasil detém o recorde mundial em peças de desinformação sobre o total de casos e mortes por Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus. Desde o início da pandemia até o dia 8 de junho, plataformas de checagem produziram ao menos 34 verificações de peças de desinformação questionando esses dados – quase um quinto dos 149 conteúdos desse tipo analisados por plataformas de checagem de todo o mundo no período. Entre

os desmentidos estão alegações de fraude para inflar os números reportados e comparativos equivocados de estatísticas da Covid-19 com outra fonte oficial.

Através de uma pesquisa realizada no Brasil, nos Estados Unidos e na Itália pela Avaaz², constatou-se esse desenfreio de desinformação sobre a pandemia no Brasil:

Além da pandemia do coronavírus, o Brasil está enfrentando uma infodemia de Covid-19. De acordo com um estudo da Avaaz, 9 em cada 10 brasileiros entrevistados no país viram pelo menos uma informação falsa sobre a doença, e 7 em cada 10 brasileiros entrevistados acreditaram em, ao menos, um conteúdo desinformativo sobre a pandemia. Esses dados são ainda mais preocupantes quando comparados aos dos EUA e da Itália (65% e 59%, respectivamente). Esse cenário ilustra o que a Organização Mundial da Saúde (OMS) já vem alertando: a desinformação sobre a doença pode estar se espalhando mais rápido que o próprio vírus. (AVAAZ, 2020, p. 1)

Assim, tratamos de uma temática importante, muito atual e que foi bastante politizada no cenário nacional, fazendo assim com que as *Fake News* encontrassem terreno fértil para proliferarem, o que contribuiu para dificultar o gerenciamento dessa crise sanitária.

A pesquisa foi realizada com alunos e alunas de duas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal da cidade de Girau do Ponciano, agreste alagoano. As turmas eram compostas por 74 alunos/as (40 em uma e 34 em outra turma) de faixa etária entre 14 e 16 anos, sendo a maioria usuários/as de alguma rede social. Vale ressaltar que devido à pandemia, as aulas presenciais foram suspensas, assim, essas aulas aconteceram de forma remota via *google* sala de aula e *whatsapp*. Os/as estudantes realizaram atividades, produziram vídeos e textos e publicaram suas produções nas redes sociais (*whatsapp* da turma, *instagram* pessoal, entre outros) ao longo da pesquisa.

Esta dissertação está dividida em cinco seções. Além desta introdução, elas estão assim organizadas: seção 2, **Análise do Discurso e interpretação**, está subdividida em duas seções – 2.1 Condições de produção, formações discursivas e formações ideológicas; 2.2 Interdiscurso, intradiscurso e memória discursiva –, em que se aborda a teoria da Análise do Discurso, perspectiva teórico-política que fundamentou a análise do *corpus* dessa pesquisa, a partir dos estudos de Pêcheux (2008, 2014), Orlandi (2007, 2009, 2012), Florêncio *et al.* (2016), entre outros; a seção 3, **Educação e Espaço virtual**, também foi dividida em duas subseções – 3.1 *Fake News*, Discurso e Sujeito; 3.2 A Escola e a leitura de *Fake News* –, aborda a educação midiática e a leitura na era digital; bem como o discurso e o sujeito discursivo nas *Fake News*; a seção 4, **Textos midiáticos e o ensino de Língua Portuguesa**,

² Comunidade de mobilização online.

traz a metodologia usada em sala de aula, as discussões realizadas, a análise dos materiais e atividades produzidas durante a pesquisa. Por fim, em seguida, apresentamos nossas considerações finais.

2 ANÁLISE DO DISCURSO E INTERPRETAÇÃO

Ao se falar em Análise do Discurso (AD), faz-se necessário especificar em qual Análise do Discurso estamos nos embasando para esta pesquisa. AD a qual nos filiamos é a fundada no final da década de 1960, por Michel Pêcheux. Ela surge numa conjuntura sócio-histórica tensa, pois, de acordo com Carneiro (2008, p. 3):

os anos 1960 também ficaram conhecidos como a “década da contestação” ou “anos rebeldes”. As mazelas do capitalismo eram denunciadas, embora se vivesse na Era de Ouro. As contradições daqueles anos eram sentidas por todos, dos jovens aos idosos, do homem simples aos intelectuais. Os livros de Karl Marx se tornaram *best-sellers*. Os Beatles, os Rolling Stones e Che Guevara eram ídolos mundiais.

Além disso, a Linguística estava sofrendo questionamentos, como afirma Florêncio *et al.* (2016, p. 22): “também na Linguística, onde havia uma aparente unidade em torno das ideias saussurianas, o estruturalismo começou a ser questionado”. Tudo aquilo que Saussure não abarcou em seu Curso Geral de Linguística (CLG), principalmente o aspecto sócio-histórico, ganha espaço e outras teorias surgem a partir desses questionamentos, dentre elas a Análise do Discurso.

Como afirma Orlandi (2009, p. 25):

A proposta intelectual em que se situa a Análise do Discurso é marcada pelo fato de que a noção de leitura é posta em suspenso. Tendo como fundamental a questão do sentido, a Análise do Discurso se constitui no espaço em que a Linguística tem a ver com a Filosofia e com as Ciências Sociais. Em outras palavras, na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história.

A AD, assim, articula três áreas distintas de conhecimento, quais sejam: o Marxismo e sua perspectiva histórica; a Psicanálise, especialmente se tratando do inconsciente; e a própria Linguística, concebendo a língua como lugar de materialização do discurso. Como destaca Orlandi (2009, p. 20):

Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele.

A Análise de Discurso, como o próprio nome sugere, tem como objeto o discurso, esse entremeio entre língua e sócio-histórico, como ponto de contradição entre eles. Essa

contradição se dá, na Linguística, pelo questionamento a sua exterioridade (historicidade); e pelas ciências sociais, pelo questionamento a sua crença na transparência da linguagem.

Assim, a Análise do Discurso é uma ciência de entremeio, ou seja, tem relações com outras ciências, trabalha na contradição entre as áreas de conhecimento e, sobretudo, a AD “não nasce apenas como um simples campo de estudo, como mais uma área de conhecimento, mas como um instrumento de luta política”. (FLORENCIO *et al.*, 2016, p. 26).

Com a Análise do Discurso, observa-se a presença do ideológico no funcionamento da linguagem e, como a materialidade da ideologia se dá pelo discurso e a materialidade do discurso, por sua vez, se dá pela língua, é que se diz que há o trabalho, na AD, advindo da relação entre “língua-discurso-ideologia”. (ORLANDI, 2009, p. 17)

A contribuição da AD reside, dentre outros, na problematização das maneiras de ler, visto que concebe que tudo é interpretável, ou seja, faz-nos refletir sobre a linguagem e a produção de sentidos, com isso, questiona a literalidade do sentido e seu efeito de evidência. A AD teoriza a interpretação, a põe em estudo e reflexão. (ORLANDI, 2009, p. 9).

A interpretação, para a Análise de Discurso, “é sempre regida por condições de produção específicas que, no entanto, aparecem como universais e eternas. É a ideologia que produz o efeito de evidência, sustentando sobre o já-dito os sentidos institucionalizados, admitidos como ‘naturais’” (ORLANDI, 2007, p. 31). No entanto, nenhum texto traz em si sentidos fixados, uma vez que, para a AD, a leitura também é um processo de significação. Mas, apesar de não haver apenas um sentido, e sim vários, o sentido não pode ser qualquer um. Os sentidos possíveis estão ligados às possíveis Formações Discursivas que dão sustentação ao dizer, ou seja, a linguagem é regulada socialmente. Como destaca Orlandi (2012, p. 113):

Embora, de direito, haja possibilidade de múltiplos sentidos, de fato não podemos desconhecer que, enquanto parte do funcionamento social geral, a linguagem é regulada, ou melhor, as situações de linguagem são reguladas: não se diz o que se quer, em qualquer situação, de qualquer maneira. Também não se pode entender o que se quer, de qualquer maneira, em qualquer situação.

A Análise de Discurso se distancia do conteudismo, pois não considera a língua transparente, assim, para o/a analista do discurso, não há literalidade, o sentido não está já-lá, pronto para ser apreendido na leitura; por isso, ela questiona *como* determinado discurso produz sentidos, por que tal sentido predomina em detrimento de outros, em que condições de produção e formações discursivas tal sentido é produzido? A AD compreende que um texto significa pelo que diz e pelo que não diz.

Tendo feito uma breve apresentação da Análise do Discurso, passemos agora a abordar os conceitos de Condições de produção, Formações discursivas e ideológicas, interdiscurso, intradiscurso e memória discursiva.

2.1 Condições de produção, Formações discursivas e Formações ideológicas

Para que o discurso se materialize é necessário que existam meios, condições que o proporcione, não se trata só de falar em contexto imediato, mas outros mecanismos indispensáveis para que haja a produção do discurso. Como afirmam Florêncio *et al.* (2016, p. 67), “os dizeres não podem ser vistos como mensagens que são transmitidas e compreendidas em sua transparência, mas em seus efeitos de sentido, produzidos por sujeitos que realizam suas escolhas, em determinadas situações, que se mostram no modo como dizer”.

A esses meios e situações necessários à realização de um discurso é dado o nome de **condições de produção**. Na AD é levado em conta: os sujeitos, vistos não somente como seres empíricos, mas também como sujeitos inseridos numa sociedade; o contexto histórico-social e a ideologia que os envolve.

Condições de produção é uma categoria fundamental na Análise do Discurso e para entender sua importância é preciso observá-la em seus dois sentidos: amplo e estrito. O primeiro diz respeito às relações de produção, relação sócio-histórica-ideológica da produção; o segundo, refere-se ao contexto imediato dessa produção. (FLORÊNCIO *et al.*, 2016, p. 67).

Orlandi (2009, p. 39) indica que as condições de produção “funcionam de acordo com certos fatores”, um desses fatores é a relação de sentido; não há nenhum discurso que não aponte para outros discursos antes enunciados, já-ditos em outros lugares e em outros momentos. Em todo discurso também há o “mecanismo de antecipação” feito por todo sujeito ao se colocar no lugar do interlocutor de seu discurso, ou seja, ao produzir um discurso antecipamos o que pode e deve ser dito para leitores/as específicos/as e que efeitos queremos que nosso discurso produza; e, por fim, é preciso entender que há relação de forças, que atesta autoridade ao sujeito do discurso, o lugar social que ele ocupa, como, por exemplo, um infectologista falando sobre a pandemia do novo coronavírus, sua especialidade atesta autoridade ao seu discurso.

As condições de produção levam o/a analista a observar essas posições entre os sujeitos e o seu dizer e suas projeções na formação imaginária; a imagem que fazem de si (quem enuncia), que fazem do outro (para quem enuncia) e a que discursos se filiam quando se aborda tal temática e não outra.

No que se refere à leitura e compreensão, a observação das condições de produção nos indica que não dá para se tomar a ideia de sentido nuclear de um discurso, posto que o “contexto é constitutivo do sentido”. Portanto, não há uma ideia central e ideias periféricas, tudo será periférico, assim “todos os sentidos são de direito possíveis e, em certas condições de produção, há de fato dominância de um sentido sem por isso se perder a relação com os outros (implícitos)” (ORLANDI, 2012, p. 26).

Num processo de sentidos de uma leitura, a relação do leitor virtual (aquele formado no imaginário) e do leitor real são constituintes das condições de produção de determinado discurso, mas não são os únicos. Orlandi (2012, p. 11-12) elenca os modos de leitura como outros integrantes dessas condições, quais sejam:

a) a relação do texto com o autor: o que o autor quis dizer? b) relação do texto com outros textos: em que este texto difere de tal texto? c) relação do texto com seu referente: o que o texto diz de X? d) relação do texto com o leitor: o que você entendeu? e) relação do texto com o para quem se lê: (se for o professor).

Assim, quando nos referimos às condições de produção para e no processo de significação de uma leitura, devemos levar em consideração todas essas relações e modos. Além disso, a materialidade discursiva também é levada em conta nas condições de sua produção e a relação dessa materialidade com a exterioridade afeta os gestos de interpretação. Quando se fala em mídias digitais, as redes sociais, mais especificamente, serão essa nova materialidade para o discurso ser constituído, formulado e circulado e isso suscita novos gestos de interpretação dos sujeitos discursivos.

Enfim, de acordo com Orlandi (2009, p. 40):

As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeito ao equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica”.

Como vimos, a Análise do Discurso trata da relação entre língua, discurso e ideologia, sendo esta última a que une as duas primeiras; assim, não há discurso inédito, mas a ilusão proporcionada pelo ideológico de se crer que tal coisa foi dita pela primeira vez e só poderia ser dita daquela forma e não de outra (trata-se do que Pêcheux denominou de esquecimento número dois, cuja abordagem farei mais a frente). O dizer é sustentado por formações ideológicas, “produzindo sentidos que discursivamente procuram camuflar conflitos e deixar passar a ideia de ausência de contradições de classe” (FLORÊNCIO *et al.*, 2016, p. 72).

Formações ideológicas podem ser entendidas, portanto, como “um conjunto complexo de atitudes e representações que nem são individuais, nem universais, mas dizem respeito às posições de classe em conflito” (HAROCHE *et al.*, 1971, p. 102).

Quando se fala em formação discursiva, remetemos ao que se pode dizer em determinada época e/ou lugar, ou seja, o que pode e deve ser dito conforme a intenção, o local e a época em que é dito. Entendendo formação discursiva (FD) como uma remissão que podemos fazer do texto a uma formação ideológica, “é no discurso que as formações ideológicas se materializam” (FLORENCIO *et al.*, 2016, p. 72).

A formação discursiva é determinante para os efeitos de sentido do discurso. Nela ocorre a articulação entre discurso e ideologia, assim as formações discursivas são regidas por formações ideológicas. Segundo Pêcheux (2014, p. 147, grifo do autor):

Chamaremos, então, de formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.).

Portanto, um mesmo discurso, em formações discursivas diferentes, terá significações diferentes; assim como determinadas palavras ganham conotações diferentes de acordo com a formação discursiva a que esteja inserido dentro de sua formação ideológica: “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas tiram seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem” (ORLANDI, 2012, p. 77). Podemos dizer ainda que usar denominações diferentes para se referir ao mesmo objeto pode revelar a que formação discursiva o discurso remete, um exemplo é a denominação para o vírus causador da doença Covid-19: ele pertence à família dos coronavírus e, por isso, é assim que normalmente é nomeado; porém, em formações ideológicas específicas, podemos encontrar a denominação “vírus chinês”, discursos que utilizam esse termo de referência se inscrevem numa formação discursiva em que há a crença da criação proposital do vírus em laboratório na China, dando voz a uma teoria da conspiração de tentativa de dominação chinesa, e, sendo a China um país comunista, a relação ideológica aí presente é a do anticomunismo.

Quanto ao processo de significação da leitura, Orlandi (2012) afirma que o discurso é uma dispersão dos textos e dos sujeitos e “essas diferentes posições do sujeito no texto correspondem a diversas Formações Discursivas. Isto se dá porque em um mesmo texto podemos encontrar enunciados de discursos diversos, que derivam de várias formações

discursivas” (p. 71). Todo texto é heterogêneo, pois é atravessado por diferentes formações discursivas e afetado por diversas posições do sujeito.

Os sentidos do discurso são constituídos a partir da inserção do sujeito numa certa formação discursiva e não em outra, é através da FD que se percebe que as palavras não têm sentidos por si mesmas, pois o sentido é produzido através da ideologia a que se filia.

A Análise de Discurso se preocupa com os mecanismos de produção de sentidos de determinado discurso; pois, para ela, não há um sentido por trás do texto, há gestos de interpretação que dependem de condições históricas de produção, bem como das formações discursivas e das formações ideológicas.

Não é no dito ou nas intenções de quem diz que se assentam os discursos, por exemplo, dizer se são de direita ou esquerda, mas na remissão que fazemos as suas condições de produção e à sua memória discursiva, atravessados pela história e se filiando a uma formação discursiva e ideológica específicas. É nessa articulação entre sujeito, língua, história e ideologia que se produz o sentido no discurso.

2.2 Interdiscurso, Intradiscurso e Memória Discursiva

Como foi dito anteriormente, todo discurso remete a outro, temos somente a ilusão de sermos os donos do nosso dizer, mas aquilo que é dito agora já o foi em outro momento, de outra forma, por outros sujeitos. Assim: “a relação entre o já-dito e o que se diz, melhor dizendo, entre sentidos anteriormente constituídos e uma formulação atual é o que a AD vai denominar de Interdiscurso e Intradiscurso respectivamente” (FLORÊNCIO *et al.*, 2016, p. 78).

O interdiscurso se refere ao já-dito, a discursos que foram formulados anteriormente e que foram esquecidos; e o intradiscurso é o dito num momento dado, atual, como afirma Orlandi (2009, p. 32-33):

interdiscurso – representada como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos – em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal – o intradiscurso – que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas.

A memória, na perspectiva discursiva, é chamada de interdiscurso. Interdiscurso é tudo aquilo que já foi dito antes, por outras pessoas, em outros momentos que permitem o dizer atual, é um pré-construído de sustentação do discurso. “O dizer não é propriedade

particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua” (ORLANDI, 2009, p. 32).

A noção de interdiscurso difere da de intertextualidade, que é o diálogo entre textos, principalmente porque texto e discurso não são a mesma coisa. No interdiscurso, funcionam a relação dos discursos já ditos com o esquecimento, ou seja, é uma formulação feita anteriormente e já esquecida, dando a ilusão de que o que o sujeito diz só pode ser dito daquele jeito e de nenhum outro e de que o sujeito é a origem desse dizer.

A Análise do Discurso considera o texto como a unidade de análise. Para o/a leitor/a, trata-se de uma unidade com coerência, coesão, ou seja, um imaginário de que o texto tem começo, meio e fim. Na AD, ele não é visto como algo fechado e acabado, pois se abre ao discursivo, estabelece relações de sentidos com outros dizeres ditos em outros lugares e em outros momentos. É o que nos afirma Orlandi (2009, p. 34): “o interdiscurso é da ordem do saber discursivo, memória afetada pelo esquecimento, ao longo do dizer, enquanto o intertexto restringe-se à relação de um texto com outros textos. Nessa relação, a intertextual, o esquecimento não é estruturante, como o é para o interdiscurso”.

Pêcheux elenca dois esquecimentos. O esquecimento número dois é o esquecimento enunciativo, ocorre quando, ao dizer, temos a ilusão de que só se poderia dizer isso dessa forma e nunca de outra. O esquecimento número um, também conhecido como “ideológico”, é o esquecimento ocasionado pela ideologia, em que temos a ilusão de sermos a origem do dizer (ORLANDI, 2009, p. 35).

Como a linguagem está em constante movimento, a AD reflete sobre os limites entre “o mesmo e o diferente”, ou seja, entre paráfrase e polissemia. Como foi citado anteriormente, o esquecimento número dois fala de dizeres “mesmos” de formas diferentes, pois retomamos discursos anteriores; mas há também, no discurso, o deslocamento de sentidos, ou seja, a polissemia, cujo aspecto discursivo diz respeito a sentidos outros sendo produzidos.

A concepção de língua para a AD leva em consideração a língua na sua incompletude. Isso permite dizer que os sujeitos e sentidos se significam no processo discursivo. Assim, a relação de atrito entre paráfrase e polissemia está sempre presente nos gestos de interpretação, é por isso que os “sentidos e os sujeitos podem ser outros. Todavia nem sempre o são” (ORLANDI, 2009, p. 37).

Essa memória é a memória discursiva, lugar onde estão armazenados os já-ditos e, pela ideologia, traz o esquecimento, responsável pela ilusão da originalidade do discurso.

O trabalho ideológico é um trabalho da memória e do esquecimento pois é só quando passa para o anonimato que o dizer produz seu efeito de literalidade,

a impressão do sentido lá: é justamente quando esquecemos quem disse ‘colonização’, quando, onde e porque, que o sentido de colonização produz seus efeitos (ORLANDI, 2009, p. 49).

Assim, enquanto o interdiscurso liga-se à constituição do discurso, sua memória, o intradiscurso é sua formulação na atualidade, é um dizer específico, numa específica conjuntura e que, através de uma dada formação discursiva, faz circular sentidos específicos para o discurso; atravessado sempre pelo interdiscurso, é dele indissociável. A formulação se faz, portanto, através da materialização do discurso em texto, da textualização.

Nesta seção, foram abordados os processos de produção do discurso: sua constituição, através do interdiscurso, da memória discursiva, o contexto histórico-ideológico mais amplo; sua formulação, ou intradiscurso, em determinadas condições de produção; e sua circulação no social. Entender esses processos é fundamental para compreender de que forma a produção de *Fake News* será analisada ao longo do presente trabalho.

3 EDUCAÇÃO E ESPAÇO VIRTUAL

Nesta seção, desenvolveremos questões acerca da abordagem de ensino voltada às mídias digitais e sua relevância no combate às *Fake News*. A seção está dividida em duas subseções. Discorreremos sobre *Fake News*, escola e leitura tomando como base as categorias da Análise do Discurso, dentre elas o discurso e o sujeito na produção e disseminação de notícias falsas.

Estamos vivendo um momento de profusão de informações e facilidade de acesso de forma rápida e prática e, há um tempo, os discursos jornalísticos e científicos vêm perdendo credibilidade.

Assim, é comum encontrarmos grupos que questionam as respostas científicas consolidadas, pois há um aumento do número de pessoas que duvidam dos benefícios das vacinas e tendem a acreditar em seus malefícios, ou mesmo que determinadas vacinas podem ser responsáveis pelo surgimento de autismo nas crianças, por exemplo, como podemos observar em Nova Iorque, de acordo com Pinto Junior (2019, p. 119):

A prefeitura de Nova Iorque decretou emergência de saúde pública em alguns bairros da cidade após a detecção de 285 casos de sarampo, na maioria em indivíduos menores de 18 anos. O surto afetou mais a comunidade de judeus ortodoxos, que sofreu propaganda de um grupo anti-vacinação que propagou que as vacinas se associavam ao autismo e que era contra a religião judaica.

Outro exemplo que pode ser destacado é o número crescente de pessoas adeptas do conceito do terraplanismo, ou seja, acreditam que a Terra é plana. Exemplo recente da ascensão de um negacionismo científico foi primeiro a negação da existência da Covid-19 e, posteriormente, a relativização quanto à gravidade de seus efeitos na população mundial. O cenário que observamos, atualmente, é a da desvalorização da ciência e, por conseguinte, dos cientistas e o crescimento da crença naquilo ou naquele que diz o que se quer ouvir. É o que a psicologia chama de **viés de confirmação**, “a propensão de buscar (ou dar maior atenção) e interpretar as informações que ratifiquem as concepções individuais do intérprete” (BRAGA, 2018, p. 211).

Na política, também, a desinformação encontrou terreno muito fértil para se manifestar. Ao desacreditar publicamente e com frequência a grande imprensa, o então candidato à presidência dos Estados Unidos em 2016, Donald Trump, abriu caminho para uma nova era de desinformações e manipulações. Segundo Kakutani (2018, p. 12): “Ele ataca rotineiramente a imprensa, o sistema de justiça, as agências de inteligência, o sistema eleitoral

e os funcionários do governo norte-americano”. Não muito diferente do cenário brasileiro com o governo de Jair Bolsonaro, eleito em 2018.

Apesar de ter se popularizado na campanha presidencial dos Estados Unidos, em 2016, o termo *Fake News* era usado desde o século XIX, de acordo com o Dicionário Merriam-Webster. Segundo Fallon (2017), para o *Huffpost Us*:

Embora a utilização comum do termo "fake news" seja recente, aponta o Merriam-Webster, o termo "entrou para o uso geral no final do século 19". O post cita vários artigos noticiosos da década de 1890, incluindo um texto de 1891 publicado no "The Buffalo Commercial" (de Buffalo, Nova York), que declarou em tom otimista: "O gosto público não aprecia as 'falsas notícias' (fake news) e as poções de 'demônio especial', como as que lhe foram servidas por um serviço noticioso local há um ou dois anos".

Além do termo não ser recente, sua prática também não é; aliás, data de antes do século XIX. Conforme Paganotti, Sakamoto e Ratier (2018, p. 20), no módulo 1 de seu curso *online* chamado *Vaza Falsiane*:

A histeria com as fake news parece recente, mas é bem antiga a história de mentiras publicadas como se fossem verdade. Dos imperadores romanos até o bebê diabo brasileiro, passando pelos jornais que noticiaram a vida na Lua ou a rádio que contava a invasão marciana da Terra, a desinformação não pode ser vista como uma novidade.

O que tem de novo nesse cenário é a relativa democratização de acesso à internet e as suas redes sociais, fazendo fluir mais rapidamente diversas informações. Além disso, o/a usuário/a, que antes ocupava uma posição passiva de leitor/telespectador/a, transforma-se também em emissor/a de informações.

Mas o que são *Fake News*? Traduzindo o termo do inglês, temos, literalmente, notícias falsas, uma expressão paradoxal tendo em vista que notícia traz a ideia de acontecimento real, de fato, portanto seria excludente de falso. Com a popularização do termo e com o uso indiscriminado dele por Donald Trump para se referir a discursos com os quais ele não concordava, o uso e o conceito de *Fake News* dividem opiniões. Segundo Claire Wardle, líder da iniciativa *Firts Draft*, grupo da *Havard Kennedy School*, nos Estados Unidos, explicou no Festival 3i, realizado no Rio de Janeiro, em 2017:

Estamos falando de um termo cunhado por Trump e usado por ele para atacar os jornalistas. É uma expressão paradoxal em si. Se é notícia, não pode ser falsa. E, por fim, ela não dá conta de todas as formas de mentira que existem hoje em dia, como, por exemplo, uma foto real com uma legenda antiga (WARDLE *apud* RESENDE, 2017).

Para os autores do Curso Vaza Falsiane, *Fake News* são “publicações que viralizam em redes sociais a partir de informações comprovadamente falsas, com um formato que simula o estilo jornalístico para enganar o público, ocultando sua autoria” (2018, v. 01, p. 07). Trata-se de uma definição bem específica que, como pudemos constatar na fala de Wardle, não dá conta de todas as formas de enganação que temos atualmente.

Enquanto a agência brasileira de checagem Lupa:

entende o termo *fake news* como uma “arma”, utilizada por políticos e poderosos para tentar limitar o trabalho da imprensa. Por conta disso, seus checadores evitarão usá-lo daqui para frente. “Informação errada”, “falsa” ou simplesmente “propaganda” e “mentira” serão expressões adotadas pela **Lupa** daqui em diante. Mas evitar seu uso não significa desconsiderar que, mesmo ambígua, a expressão *fake news* resume um importante problema com o qual a sociedade em geral e o jornalismo, em particular, precisam lidar. (RESENDE, 2017).

É justamente por causa dessa dificuldade e diversidade de conceituação do termo que muitos especialistas (entre jornalistas e checadores de fatos) têm reticências quanto às leis e projetos de leis que procuram criminalizar a produção e a disseminação de *Fake News*, pois não há como legislar sobre uma prática cujo conceito não está bem definido. Visto que uma legislação nesses termos pode incorrer em cerceamento de liberdade de expressão, ou seja, em censura.

Portanto, consideramos que a via mais eficaz de combate à desinformação deve partir da educação, é o caminho mais longo e duradouro. Sendo os *sites* de checagem e as tentativas de legislação vias mais imediatas e pontuais é preciso, sobretudo, formar leitores/as críticos/as capazes de desconfiar do óbvio, dos efeitos de sentido, da transparência da linguagem e dos interesses ideológicos.

A seguir, veremos que conceito de *Fake News* será adotado neste trabalho com base em categorias da Análise do Discurso.

2.2 *Fake News*, discurso e sujeito

Fake News nesta pesquisa é entendido como discurso e, por isso, não se limita a uma imitação do gênero textual reportagem, como alguns assim conceituam. Trata-se de discursos, materializados de diferentes modos (desde textos que trazem a aparência de texto jornalístico

até correntes³ enviadas e recebidas em *whatsapp*), que têm em comum o fato de serem constituídos, formulados e circulados com o propósito de enganar, pôr em dúvida e disseminar mentiras ou meias verdades.

Ao utilizar a Análise de Discurso como dispositivo teórico, levantamos os seguintes questionamentos:

Onde estão os sentidos? De onde vêm? De onde tiram eles sua validade? Que estatuto dar à separação entre verdadeiro e falso, quando se pensa discursivamente? Que relação estabelecer entre fato e linguagem? Em minha opinião, é preciso introduzir a noção de silêncio para compreender bem como se constituem, como são formulados e como circulam os sentidos. (ORLANDI, 2012, p. 127)

As *Fake News*, enquanto discurso, ganham uma nova significação teórico-política. Nenhum discurso, para a AD, nasce do nada, é sempre uma remissão a outro(s) discurso(s), como asseveram Florêncio *et al.* (2016, p. 27):

Todo discurso é uma resposta a outros discursos com quem dialoga, reiterando, discordando, polemizando. Sendo produzido socialmente, em um determinado momento histórico, para responder às necessidades postas nas relações entre os homens, para a produção e reprodução de sua existência, carrega o histórico e o ideológico dessas relações.

Assim, não há discursos inocentes ou neutros, pois todo sujeito carrega em si valores e crenças, perspectivas ideológicas, pois a linguagem é local de materialização do discurso produzida pelo encontro entre o sujeito e seu contexto sócio-histórico-ideológico.

Entendendo, assim, que a ideologia se materializa no discurso e que este se materializa, comumente, na língua; temos, na AD, a relação língua-discurso-ideologia. Assim, para a Análise de Discurso, o discurso é considerado “como práxis, pois, produzido nas relações sociais, em determinado momento histórico, pelas necessidades impostas na produção e reprodução da existência humana, traz em si o histórico e o ideológico, próprios a essas relações”. (FLORÊNCIO *et al.*, 2016, p. 65).

No que tange às *Fake News*, essas materialidades discursivas são denominadas de “prê-à-porter” que, segundo Mariani (2018, p. 4), são aquelas “prontas para o uso e consumo. Em outras palavras, vídeo e textos a serem consumidos velozmente, supondo justamente uma fast-leitura, um passar de olhos.”

³ Uma mesma mensagem repassada para várias pessoas ao mesmo tempo com a intenção de viralizar, de alcançar uma grande quantidade de pessoas, geralmente, associadas a resultados ou consequências sobrenaturais e/ou fantásticas.

A nosso ver, a materialização dos textos nas mídias digitais pressupõe essa “fast-leitura”, pressupõe que a maioria dos/as leitores/as não gosta de perder tempo lendo textos longos e densos, alimentando o ciclo perigoso da leitura superficial. A indústria de *Fake News* se aproveita disso com textos com chamadas atraentes para incitar o compartilhamento e, com isso, a disseminação atingir grande alcance. É por isso que muitos desses discursos possuem frases como “compartilha com o máximo de pessoas”, “esse vídeo/texto/imagem/ precisa rodar o mundo”, “isso a Globo não mostra”, induzindo o/a leitor/a a fazer circular tais materiais em suas redes sociais.

Como dissemos anteriormente, apesar das notícias falsas não serem uma novidade, as condições de produção atuais intensificam e trazem algo de diferente: “O que há de diferente está na historicidade do acontecimento do meio digital, que, nas atuais condições de produção, amplifica consideravelmente a circulação das discursividades, atingindo e afetando de forma mais próxima o um-a-um, as condições individuais de existência” (MARIANI, 2018, p.11).

Esse “um-a-um” mostra a descentralização do discurso informativo, antes pertencente aos jornalistas e autoridades públicas; as redes sociais fizeram de cada usuário também um propagador de informações, imersos em bolhas causadas pelos algoritmos e trazendo a polarização como um aliado da desinformação massiva atualmente. Exemplo disso foi a viralização de vídeos feitos em celulares de cidadãos/ãs comuns indo a hospitais de referência no tratamento da Covid-19 por todo Brasil; munidos de seus *smartphones*, cidadãos/ãs hoje produzem e compartilham informação, pondo-se no papel de jornalistas profissionais.

Mariani (2018, p. 13) nos diz que:

Nas palavras de Rivera, a circulação de “significantes identitários” baliza a construção de um nós identitário – digamos, um conjuntinho de eus identificados entre si e bastante satisfeitos com suas supostas semelhanças identitárias – que de forma inexorável exclui os outros. Quanto mais esse eu se aliena nos likes e carinhas que inclui a cada momento que é interpelado pela mídia, o próprio sujeito é excluído.

Esse é o efeito das chamadas “bolhas” que formam tribos compostas por pessoas que compartilham ideologias e crenças, unindo forças contra as grandes mídias e os jornalistas profissionais, criando a ideia de que a “verdade” é aquilo no que elas e seus pares acreditam que seja porque lhes convêm, ou, como afirma D’Ancona (2018, p. 53):

A mídia social e os mecanismos de busca, com seus algoritmos e hashtags, tendem a nos dirigir para o conteúdo de que vamos gostar e para as pessoas que concordam conosco. Muitas vezes, rejeitamos como “trolls” aqueles que

se atrevem a discordar. A consequência é que as opiniões tendem a ser reforçadas, e as mentiras, incontestadas. Definhamos no assim chamado “filtro bolha”.

Para a AD, o sujeito não é visto como um sujeito empírico (individual, psicológico), mas como uma “forma-sujeito” que, de acordo com Orlandi (2009, p. 50), “representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento”. Assim, não se fala de um sujeito dono e origem do seu dizer, mas de um sujeito sócio-histórico.

Como vimos, segundo Orlandi (2012), o discurso:

é uma dispersão de textos e o texto é uma dispersão do sujeito. Assim sendo, a constituição do texto pelo sujeito é heterogênea, isto é, ele ocupa (marca) várias posições no texto. Essas diferentes posições se referem a diferentes Formações discursivas presentes no discurso, porém a formação dominante que rege as diferentes posições do sujeito no texto propicia-lhe unidade. (ORLANDI, 2012, p. 95).

Assim como texto e discurso não são as mesmas coisas, sujeito e autor também não o são. O sujeito está para o discurso como o autor para o texto. Enquanto o sujeito se encontra na dispersão do texto, a autoria traz a ilusão de unidade. Autor, então, seria uma função específica do sujeito.

Essa função-autor divide lugar com outras funções discursivas do sujeito: o locutor, o sujeito empírico que se define como o “eu”; e o enunciador que é a posição que esse “eu” constrói no discurso. Orlandi (2009), fundamentada em Foucault, concebe a noção de função-autor; para este autor, segundo ela, a noção de autoria seria a de unidade textual advinda do agrupamento discursivo. Ainda, para Foucault, essa noção não valeria sempre e para todos os discursos, pois há textos que precisam de assinaturas, mas não de autores, como um decreto, uma receita, entre outros. Na Análise do Discurso, “um texto pode até não ter um autor específico mas, pela função-autor, sempre se imputa uma autoria a ele” (ORLANDI, 2009, p. 75).

A maioria das *Fake News* não possui autoria específica, essa função-autor não é apresentada explicitamente; isso pode ser explicado pelo fato de que aquele texto traz informações falsas e ninguém quer ser responsabilizado por tê-lo produzido; mas o que está começando a acontecer e se tornou bem visível durante a pandemia do novo coronavírus é o fato de que algumas pessoas, que antes somente recebiam e repassavam as notícias falsas, estavam produzindo suas próprias *Fake News* e colocando seus rostos sem nenhum pudor,

como foi o caso da microempresária Valdete Zanco, de Belo Horizonte/MG, que fez um vídeo “informando” que soube do caso de que caixões estavam sendo enterrados vazios e culpando abertamente o prefeito da cidade. Com a repercussão do vídeo, “a Polícia Civil havia pedido ajuda à população para encontrar a mulher e afirmado que ela pode pegar até nove anos de prisão e, ainda, pagar uma multa pelos crimes de calúnia e difamação contra autoridade pública e pela contravenção penal por provocar tumulto ou pânico” (FIÚZA; PIMENTEL, 2020).

Por tudo que dissemos até o momento, podemos acrescentar que ao/à analista do discurso, cabe um gesto teórico e político que “implica em pensar como esses universos discursivos logicamente instáveis, marcados por ambiguidades, deslizes de sentidos e equívocos são capazes de política”, ou seja, trata-se de produzir resistência contra esses universos discursivos das *Fake News* (GRIGOLETTO; SILVA SOBRINHO, 2019, p. 110).

Por isso, é importante trabalhar essas questões e reflexões com alunos e alunas do ensino fundamental de forma a leva-los/las não somente a identificar uma notícia falsa, mas também a refletir sobre o processo de produção desses discursos e suas consequências no “mundo real”.

3.2 A Escola e a leitura de *Fake News*

Segundo Mandelli e Galante (2019): “Aprender em um mundo conectado subentende um conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos – dos impressos aos digitais”. Pensando nisso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo do Ministério da Educação, traz como exigência (através de habilidades, especialmente para a área de Língua Portuguesa com o Campo Jornalístico-Midiático) o ensino direcionado ao uso das mídias digitais.

Como visto anteriormente, as *Fake News* não surgiram com as mídias digitais, mas ganharam força com o fácil acesso a informações garantido por elas. A internet e as redes sociais fazem parte do cotidiano das crianças e dos/as jovens atualmente, é onde eles/as, normalmente, compartilham suas fotos, seu dia-a-dia; têm contato com os/as amigos/as e familiares em tempo real; pesquisam; jogam; paqueram e se informam.

Como afirmam Aidar e Alves (2019, p. 19):

As redes sociais como Facebook, Twitter e Instagram, por exemplo, são importantes meios de comunicação digital. Se por um lado elas têm

contribuído para a democratização da informação e do conhecimento, é também por meio delas que temos assistido à multiplicação de *fake news* e ao acirramento do ódio e da intolerância.

Diante dessa realidade, a escola não pode se furtar ao dever de se ajustar às demandas sociais, como afirma Paulo Freire (2002, p. 38):

[...] como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante.

Sob a ótica da Análise do Discurso, tem-se, pelas novas tecnologias da linguagem, uma nova textualização, ou seja, “novas condições de produção” (ORLANDI, 2012, p. 15); e o/a professor/a de Língua Portuguesa precisa se aprofundar nessa nova textualidade e levar em consideração essas novas condições de produções de sentidos que fazem parte do cotidiano da maioria dos/as alunos/as.

Portanto, é papel da escola, especialmente do/a professor/a de Língua Portuguesa, orientar os/as alunos/as a uma leitura crítica que os/as façam refletir sobre o que consomem nas mídias e de que forma consomem, para que seu uso seja consciente e que as mídias digitais sejam ferramentas bem utilizadas; e, como foi feito nessa pesquisa, fazê-los/as problematizar as evidências de sentido advindas das *Fake News* e os impactos sociais decorrentes delas.

Nesta seção, discorreremos sobre *Fake News*, seu conceito e popularização, e do quanto é importante que o/a professor/a de Língua Portuguesa insira em suas aulas essa temática. A seção seguinte trará a metodologia utilizada com os/as alunos/as e a análise dos dados coletados.

4 TEXTOS MIDIÁTICOS E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Como vimos nas seções anteriores, a abordagem de ensino voltada à inserção das mídias digitais é fator importante na formação do/a professor/a na atualidade e não se pode falar em mídia sem se remeter aos textos que circulam pelas redes sociais. É importante porque é o ambiente em que a maioria das crianças e jovens hoje estão inseridos, segundo uma pesquisa relatada por Cruz (2019) para o *site* Agência Brasil:

Cerca de 24,3 milhões de crianças e adolescentes, com idade entre 9 e 17 anos, são usuários de internet no Brasil, o que corresponde a cerca de 86% do total de pessoas dessa faixa etária no país. A informação consta na pesquisa TIC Kids Online Brasil 2018, divulgada hoje (17) pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), por meio do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (Nic.br).

Além disso, como apontado anteriormente, a velocidade de recebimento e compartilhamento de informações faz das redes sociais canais preponderantes de circulação cada vez maior das *Fake News*.

Como professora de Língua Portuguesa, não posso deixar de me inquietar com as leituras superficiais que a chamada era digital vem trazendo. Além do mais, é preciso muito mais que confiar em checadores de notícias e em uma legislação específica para assegurar que não se esteja compartilhando notícias falsas ou imprecisas; considero que é preciso educar a população para uma leitura responsável das e nas mídias digitais, fazê-la refletir sobre os perigos de basear suas interpretações a partir de notícias infundadas e que são criadas com o intuito mesmo de confundir, causar caos, enganar. Como afirma D'Ancona (2018, p. 101):

A sobrecarga de informação significa que todos nós devemos nos tornar editores: filtrar, checar e avaliar o que lemos. Da mesma forma que crianças são ensinadas a como entender textos impressos, suas faculdades críticas devem ser treinadas para enfrentar os desafios muito diferentes de um feed digital.

A Base Nacional Comum Curricular, documento supracitado, procura aprofundar, para a etapa do Ensino Fundamental, anos finais:

[...] o tratamento dos gêneros que circulam na esfera pública, nos campos jornalístico-midiático e de atuação na vida pública. No primeiro campo, os gêneros jornalísticos – informativos e opinativos – e os publicitários são privilegiados, com foco em estratégias linguístico-discursivas e semióticas voltadas para a argumentação e persuasão. Para além dos gêneros, são consideradas práticas contemporâneas de curtir, comentar, redistribuir, publicar notícias, curar etc. e tematizadas questões polêmicas envolvendo as

dinâmicas das redes sociais e os interesses que movem a esfera jornalística-midiática. A questão da confiabilidade da informação, da proliferação de fake news, da manipulação de fatos e opiniões tem destaque e muitas das habilidades se relacionam com a comparação e análise de notícias em diferentes fontes e mídias, com análise de sites e serviços checadores de notícias e com o exercício da curadoria, estando previsto o uso de ferramentas digitais de curadoria. (BRASIL, 2019, p. 138).

Neste trabalho, discutimos e analisamos os gestos de interpretação que permitem que uma notícia falsa evidencie sentidos não dominantes, sentidos esses que ganham cada vez mais espaço. Essa análise e essa discussão são, aqui, possíveis, pois:

A vantagem de trabalhar com um dispositivo teórico como o da análise de discurso é que levamos em conta a linguagem enquanto estrutura e acontecimento e em consequência podemos trabalhar com esses aspectos que tocam a ordem, a regra, mas também o acaso, o equívoco, a forma histórica da significação na compreensão de cada gesto da interpretação. Deste modo, fazendo intervir o discurso, evitamos a pretensão de chegar à verdade do sentido estando entretanto sempre atentos a suas diferenças, a seus movimentos. (ORLANDI, 2012, p. 29).

Na sequência, será apresentada a metodologia utilizada em sala e as análises feitas dos dados coletados, tendo como dispositivo teórico a Análise de Discurso.

4.1 Contexto de pesquisa

A presente pesquisa teve como sujeitos alunos/as de 9º ano do Complexo Municipal de Educação Básica Deputado José Medeiros, situado na cidade de Girau do Ponciano, agreste alagoano. Apesar de ter no nome “complexo”, trata-se de uma única unidade escolar que é também utilizada, em alguns sábados, para formação de professores/as e eventos da secretaria de educação do município. Reformada em maio de 2019, é considerada como escola modelo do município. Possui 12 salas de aulas regulares, uma quadra de esportes, um pátio, quatro banheiros (dois para uso dos/as os/as alunos/as e dois para uso entre os/as funcionários/as), uma sala de leitura, uma sala de robótica, sala dos/as professores/as, uma cozinha, uma sala da direção, uma sala da secretaria e uma sala da coordenação.

Seguem, abaixo, algumas fotos da escola:

Figura 1 – Foto da fachada do Complexo Municipal Deputado José Medeiros



Fonte: Autora, 2019.

Figura 2 – Foto das dependências do Complexo



Fonte: Autora, 2019.

Figura 3 – Foto das dependências do Complexo



Fonte: Autora, 2019.

4.2 Planos de aula

A partir de agora apresentaremos os planos de aula em quadros para melhor visualização e, em seguida, apresentaremos os resultados e análises das sequências didáticas. Devido à pandemia e à necessidade de isolamento social para tentar minimizar a proliferação do coronavírus, as aulas presenciais foram suspensas e assim permaneceram durante todo o ano letivo de 2020; portanto, as aulas ocorreram de forma remota de maio de 2020 a janeiro de 2021, via *google sala de aula*, *whatsapp* e, ocasionalmente, *google meet*. Além disso, precisei criar uma conta no *Youtube* para gravar vídeos e disponibilizá-los para os/as alunos/as. As aulas de Língua Portuguesa ocorriam duas vezes por semana (às segundas e quintas-feiras).

TÍTULO: O que os/as alunos/as sabem e entendem por <i>Fake News</i> ?
OBJETIVOS
Fazer uma sondagem com os alunos e as alunas sobre o tema das <i>Fake News</i> .
PROCEDIMENTOS
Aplicação de questionário via <i>google</i> formulários cujo <i>link</i> será enviado para o grupo da turma no <i>google</i> sala de aula.
RECURSOS
Internet, celular, <i>google</i> formulário e <i>google</i> sala de aula. Link do questionário: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSemUpuJPJyfs8qD2FpcYG3Zzao3uLIgc_4fxLejB9KoEHgwQQ/viewform

AULA Nº 2:
TÍTULO: Os tipos de <i>Fake News</i> .
OBJETIVOS
Possibilitar que os alunos e as alunas ampliem seus conhecimentos sobre o tema; Refletir sobre os diferentes tipos de texto que recebem e/ou leem nas redes sociais e reconhecer alguns deles como <i>Fake News</i> ; Apresentar os diferentes tipos de <i>Fake News</i> .
PROCEDIMENTOS
Apresentação de <i>slides</i> sobre o tema em forma de vídeo (publicado no <i>Youtube</i>) para explicar cada tipo de <i>Fake News</i> e solicitação aos alunos e alunas de um resumo do conteúdo abordado no vídeo.
RECURSOS
Através do <i>google</i> sala de aula, disponibilizar o <i>link</i> do vídeo (19min23s) e instruções para os/as alunos/as ao assistirem. Vídeo disponível em: Tipos de Fake News (Canal Anne Dayse Magalhães) - https://www.youtube.com/watch?v=Q6TGM1bNZZg&t=2s

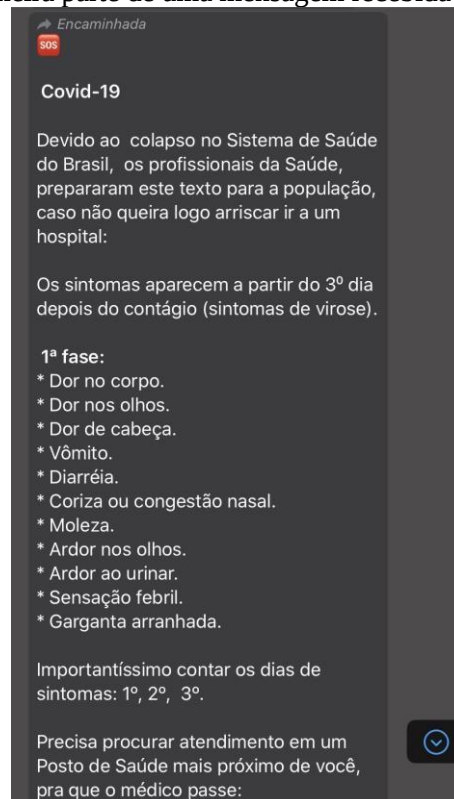
AULA Nº 3:
TÍTULO: A linguagem e a produção de evidências – o boato
OBJETIVOS
Levar os/as alunos/as a compreenderem que a linguagem é opaca e produz evidências; Possibilitar uma reflexão sobre as consequências de se acreditar em boatos e a importância de questionar os dizeres que circulam na internet.
PROCEDIMENTOS
Os alunos e as alunas assistirão a um desenho intitulado <i>Chicken Little</i> (8min48s), de 1943, de Walt Disney; após a observação da história, responderão a algumas perguntas sobre o vídeo.
RECURSOS
Internet. Celular ou computador, papel e caneta. Vídeo disponível em: Como desestabilizar uma nação Chicken Little 1943 (Canal Sergio Silva) - https://www.youtube.com/watch?v=5Xgz0ieFyQk&feature=youtu.be

AULA Nº 4:

TÍTULO: Fato X Opinião
OBJETIVOS
Refletir sobre a diferença entre fato e opinião; Levar os/as estudantes a perceberem que as opiniões podem ser formadas tanto através de fatos e dados, quanto através de crenças e senso comum.
PROCEDIMENTOS
Os/as estudantes assistirão a dois vídeos disponíveis no canal do <i>Youtube</i> do canal “Porta dos Fundos” e a um vídeo do canal “O Baricentro da Mente” (9min6s) e, a partir desses vídeos, serão traçadas discussões sobre o tema. Posteriormente, disponibilizarei figurinhas de <i>whatsapp</i> com opinião ou fato para que eles/as julguem se as frases lançadas no grupo são compostas por fatos ou opiniões. Por fim, farão um exercício para refletir sobre o tema.
RECURSOS
Google sala de aula, celular ou computador, internet, caderno, caneta.
REFERÊNCIAS
Vacina – Polêmica da semana – 4min42s (Canal Porta dos Fundos) - https://www.youtube.com/watch?v=dZVPiR8fJB8 Aquecimento Global – Polêmica da Semana – 4min37s (Canal Porta dos Fundos) - https://www.youtube.com/watch?v=LybaM4zgHC8 Quando uma professora de matemática apenas quer fazer seu trabalho (Canal O Baricentro da Mente) – https://www.youtube.com/watch?v=wm_DGZrOf6U&list=WL&index=36&t=0s

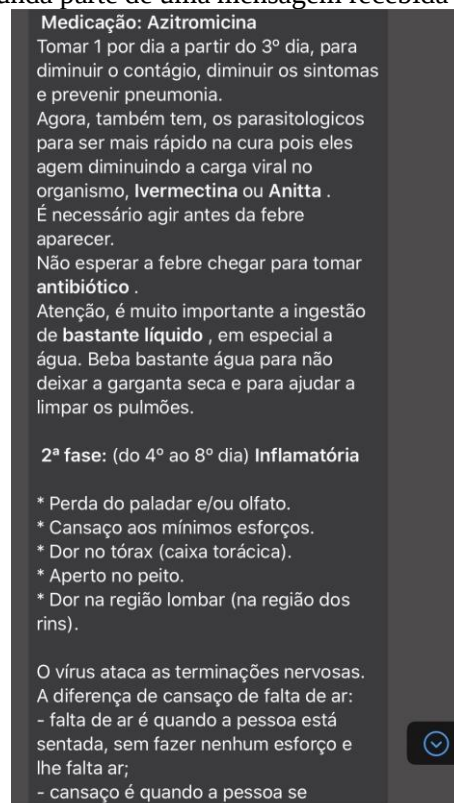
AULA Nº 5:
TÍTULO: Analisando <i>Fake News</i>
OBJETIVOS
Levar os/as alunos/as a identificar a veracidade ou falsidade da informação; Refletir sobre os discursos materializados em textos e sobre os gestos de interpretação.
PROCEDIMENTOS
Divisão da turma em grupos de cinco alunos/as. Cada grupo receberá uma notícia falsa sobre possíveis curas para o coronavírus. Os/as estudantes analisarão e apresentarão um relatório mostrando os caminhos que percorreram para atestar a veracidade ou não da informação e apresentarão essa análise para a turma através do aplicativo <i>google meet</i> .
RECURSOS
Google sala de aula, celular ou computador, internet, <i>google meet</i> .
REFERÊNCIAS
https://olhoabertopr.blogspot.com/2020/03/cuba-anuncia-que-ja-fabricou-vacina.html https://www.jornal21brasil.com.br/2020/03/israel-sai-na-frente-e-ja-tem-vacina.html https://www.facebook.com/marcela.kayane/posts/1805296449601702 http://www.atrombetanews.com.br/2020/03/30/apos-ser-medicado-com-cloroquina-general-helene-de-72-anos-anuncia-que-esta-curado-do-covid-19/ https://www.facebook.com/givadeituoficial/posts/2470912323223926 https://blog.cesarvale.com.br/2020/09/25/uma-catastrofica-analise-sobre-as-vacinas-contras-o-virus-chines-interferem-diretamente-no-material-genetico/ https://www.facebook.com/DoutorRodrigoAssumcao/photos/sobre-o-covid-estudo-promissor-relata-que-pacientes-com-n%C3%ADveis-de-vitamina-d-alt/2645924822176339/ Figuras 4 a 9.

Figura 4 – Print da primeira parte de uma mensagem recebida pelo aplicativo *Whatsapp*



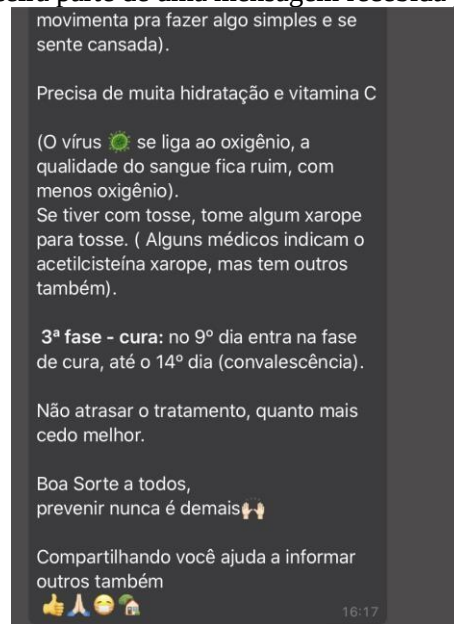
Fonte: Whatsapp, 2020.

Figura 5 – Print da segunda parte de uma mensagem recebida pelo aplicativo *Whatsapp*



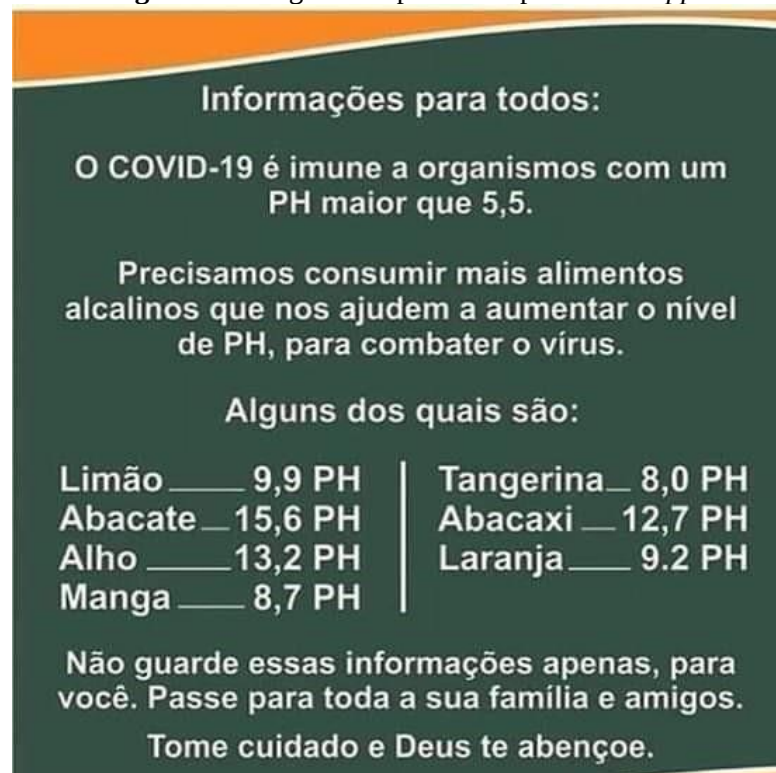
Fonte: Whatsapp, 2020.

Figura 6 – Print da terceira parte de uma mensagem recebida pelo aplicativo *Whatsapp*



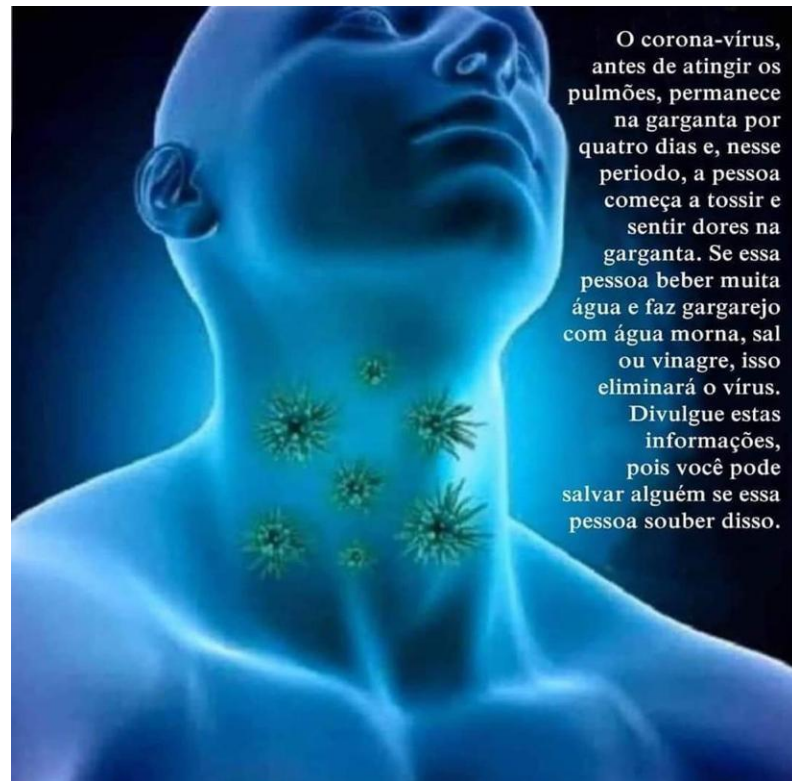
Fonte: Whatsapp, 2020.

Figura 7 – Imagem compartilhada pelo *Whatsapp*



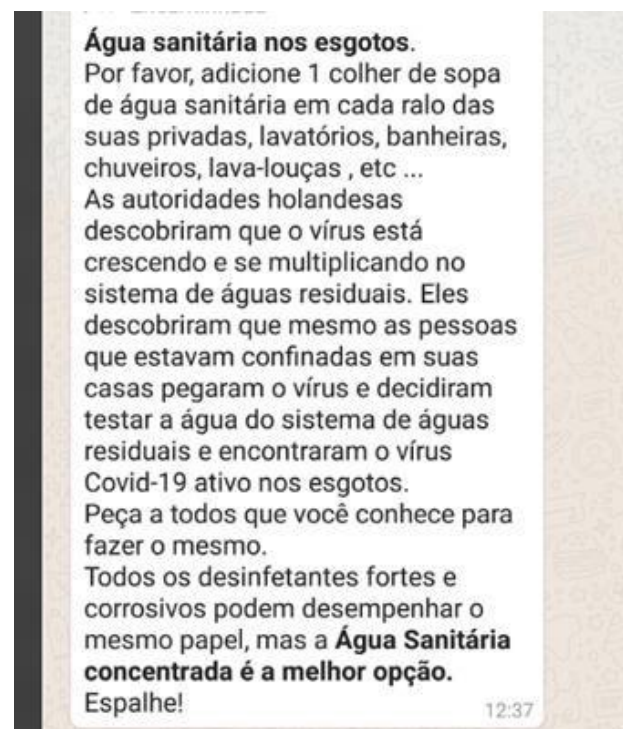
Fonte: Whatsapp, 2020.

Figura 8 – Imagem retirada do site Correio Braziliense



Fonte: Correio Braziliense, 2020. (Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/holofote/2020/03/17/interna-holofote,834851/agua-quente-com-alho-cura-pacientes-com-coronavirus-nao-mesmo.shtml>)

Figura 9 - Imagem retirada do Site Lupa



Fonte: Lupa, 2020

AULA Nº 6:
TÍTULO: Por que se acredita e se dissemina <i>Fake News</i> ?
OBJETIVOS
Refletir sobre as evidências de sentido produzidas pelas <i>Fake News</i> ; Refletir sobre o que foi aprendido ao longo das aulas sobre <i>Fake News</i> .
PROCEDIMENTOS
Os alunos e alunas assistirão a dois vídeos disponíveis no <i>youtube</i> que abordam, de forma didática, a ideia de viés de confirmação e haverá uma discussão sobre o tema. Será aplicado outro questionário, dessa vez fazendo uma sondagem sobre o que mudou na visão deles/as sobre as <i>Fake News</i> e suas consequências.
RECURSOS
<i>Google</i> sala de aula, celular ou computador, internet, caderno, caneta.
REFERÊNCIAS
Por que você acredita em Fake News? – 8min29s (Canal Nerdologia) - https://www.youtube.com/watch?v=8quTOBvb8uA&list=PLWn_sOEyiWB3T6-L9Lsg8c2pP7UcfOr2l&index=5&t=0s Viés de confirmação: ver pra crer ou crer pra ver? – 2min47s (Canal Minutos Psíquicos) - https://www.youtube.com/watch?v=LJ9L7aVTmmE&list=PLWn_sOEyiWB3T6-L9Lsg8c2pP7UcfOr2l&index=4&t=0s Questionário sobre viés de confirmação e Fake News https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfAiAWef4TruuJModWewOYpJBEjPFlxewFVeK743AmW7OeKHg/viewform?usp=sf_link

AULA Nº 7:
TÍTULO: Construção de procedimentos para identificar <i>Fake News</i>
OBJETIVOS
Identificar notícias falsas; Produzir vídeos, textos ou postagens em suas mídias digitais para que outros/as adolescentes, especificamente, tenham acesso.
PROCEDIMENTOS
Produção de um vídeo pela professora comentando sobre a atividade anterior e também com orientações para a próxima atividade acerca das <i>Fake News</i> e disponibilizar no <i>google</i> sala de aula; junto a esse vídeo, estará anexado um outro vídeo do <i>Youtube</i> , do canal Curso Vaza, Falsiane, intitulado <i>Fake News: como saber se uma notícia é falsa?</i> Após instruções e análises dos materiais, os/as próprios/as alunos/as irão produzir um vídeo ou fazer uma postagem listando o passo-a-passo na identificação de notícias falsas e publicarão no grupo do <i>Whatsapp</i> da turma e em suas contas pessoais no <i>Instagram</i> ou <i>TikTok</i> .
RECURSOS
<i>Google</i> sala de aula, celular ou computador, internet, caderno, caneta, <i>Whatsapp</i> , <i>Instagram</i> , <i>TikTok</i> .
REFERÊNCIAS
Como não cair em Fake News – 12min. (Canal de Anne Dayse) - https://www.youtube.com/watch?v=Fobzle2TY-I <i>Fake News: como saber se uma notícia é falsa?</i> – 4min53s (Canal Curso Vaza, Falsiane) - https://www.youtube.com/watch?v=ALS8PhTX4k8

4.3 Metodologia e análise da sequência didática

Como foi dito no início deste trabalho, devido à pandemia causada pelo novo coronavírus, as aulas presenciais foram suspensas em todo o país. No município de Girau do Ponciano-AL, as aulas do ano letivo de 2020 iniciaram em 16 de março e, já no dia 17 do mesmo mês, o prefeito lançou decreto em que, dentre várias determinações, suspendia as aulas presenciais por tempo indeterminado (Decreto nº 09/2020, de 17 de março de 2020, art. 5º – Anexo A). Diante desse cenário, não tive oportunidade de conhecer presencialmente os/as alunos/as e nem de me apresentar a eles/as pessoalmente.

Em abril, a situação permaneceu. Alternativas foram usadas na tentativa de minimizar as consequências da pandemia no rendimento escolar. Assim, grupos de *whatsapp* das turmas foram criados e começamos uma interação remota com os/as alunos/as.

Em virtude dessa adequação, precisei fazer alterações com relação aos sujeitos da pesquisa (antes seriam os/as 40 alunos/as de uma das turmas de 9º ano), pois, por diversos motivos e precariedades, as atividades a distância não têm o mesmo retorno. Assim, as atividades adaptadas para o meio digital foram disponibilizadas para os/as alunos/as das duas turmas, mas nem sempre tiveram o retorno solicitado.

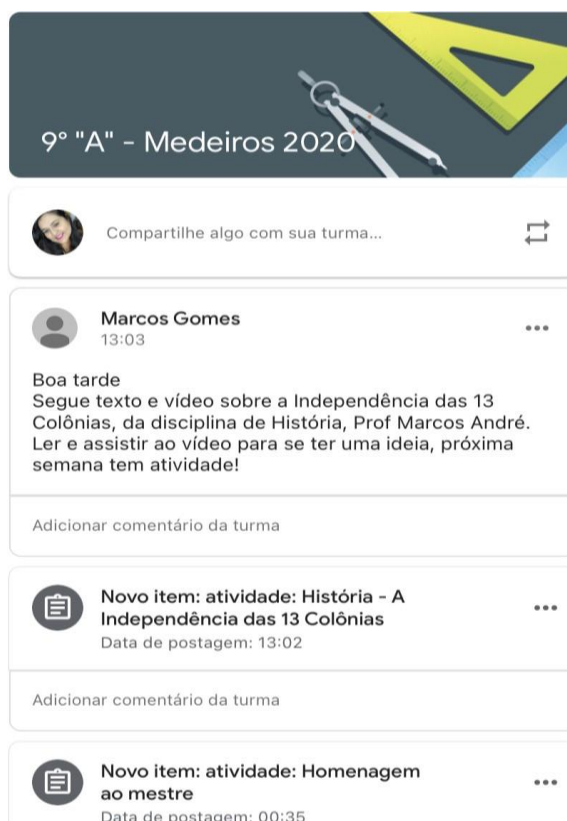
Vale aqui ressaltar algumas dificuldades encontradas no ensino a distância na escola pública. Dificuldades que vão desde o fato de que a maioria dos/as alunos/as não tem experiência nem estrutura para estudar sozinho/a, e, principalmente, de acesso à internet. A partir de um questionário feito pela escola nas duas turmas, 75,4% dos/as alunos/as afirmaram acessar as atividades pelo celular usando o WI-FI de casa, 26,2% usaram o WI-FI de um/a vizinho/a para conseguirem acesso às aulas. Fatores psicológicos também precisam ser levados em consideração, pois não é fácil para um/a adolescente lidar com o fato de ter que ficar em isolamento, afastados/as dos/as amigos/as, alguns/algumas estudantes acabaram contraindo a Covid-19, viram parentes adoecendo e, mesmo para aqueles/as que não tiveram exemplos conhecidos, ainda têm que lidar com todo o clima de devastação que uma pandemia traz para a população.

Além dos/as alunos/as, é preciso citar a dificuldade e falta de estrutura encontradas também pelos/as professores/as. Muitos/as demonstraram dificuldade no uso das novas tecnologias, além de reclamações quanto à memória do celular não comportar tantas mensagens e atividades enviadas. Somando-se a isso o fato de tantos/as alunos/as terem acesso ao seu número pessoal de telefone, dando ao trabalho horário indefinido, pois

alguns/mas alunos/as mandavam mensagens fora do horário das aulas, às vezes até de madrugada.

A partir do mês de maio, a coordenação da escola criou salas no aplicativo *google sala de aula* em que os/as professores/as e os/as alunos/as interagiam e as atividades eram enviadas de acordo com um cronograma elaborado pela coordenadora da escola. Minhas aulas ocorriam às segundas e quintas-feiras.

Figura 10 – Print da página inicial da sala de uma turma no *google sala de aula*



Fonte: Autora, 2020.

4.3.1 Primeiro plano de aula – o questionário

Enviei, via *google sala de aula*, um vídeo resumindo a pesquisa, o que iríamos trabalhar ao longo das aulas e um questionário com 10 questões via *google formulário* e acessado por *link* disponibilizado no aplicativo para que eles respondessem, conforme plano de aula nº 01.

Figura 11 – Print da solicitação no *google sala de aula*



Fonte: Autora, 2020.

Dos/as 74 alunos/as das duas turmas cadastradas nos grupos do *google sala de aula*, mais da metade (44 alunos/as) respondeu ao questionário.

Figura 12 – Print do questionário no *google formulário*

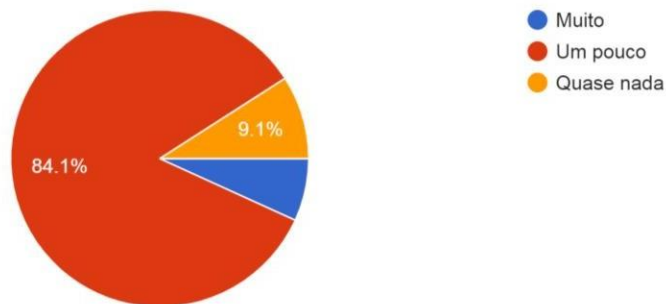
Fonte: Autora, 2020.

Para a primeira pergunta constante no questionário, temos o seguinte gráfico de respostas:

Figura 13 – Gráfico das respostas da primeira questão

1. Você se considera uma pessoa bem informada sobre os acontecimentos da sua cidade, do seu estado, do seu país e do mundo?

44 respostas



Fonte: Autora, 2020.

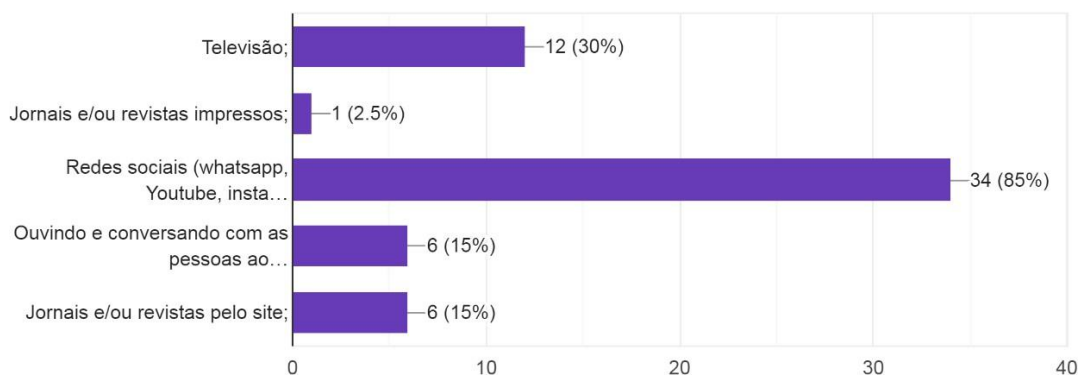
De acordo com o gráfico acima, a maioria dos/as alunos/as que respondeu (84,1% deles/as) se considera um pouco informada sobre o que acontece ao seu redor; somente 6,8% deles/as se consideram muito bem informados/as.

Na segunda questão, os/as estudantes poderiam escolher mais de uma alternativa e podemos observar o resultado no gráfico abaixo:

Figura 14 – Gráfico das respostas da segunda questão

2. Qual dos veículos abaixo você mais costuma usar para se informar no seu dia a dia?

40 respostas



Fonte: Autora, 2020.

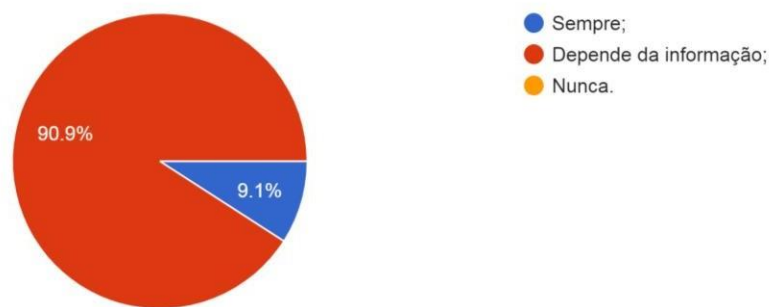
A maioria dos/as alunos/as (85%) costuma se informar mais pelas redes sociais; depois, empatados (15% cada), estão a escuta e a conversa com outras pessoas e o acesso a jornais e/ou revistas eletrônicos; somente um aluno diz se informar também por jornais e/ou revistas impressos. Esse resultado reflete o que pode ser percebido na sociedade contemporânea sobre o domínio da internet e, por conseguinte, das redes sociais como fonte de interação, comunicação e informação entre as pessoas.

Na terceira questão, temos o gráfico de respostas abaixo:

Figura 15 – Gráfico das respostas da terceira questão

3. Além do veículo que você mais costuma usar para se informar, respondido na questão anterior, você procura se informar em mais de uma fonte e veículo de informação?

44 responses



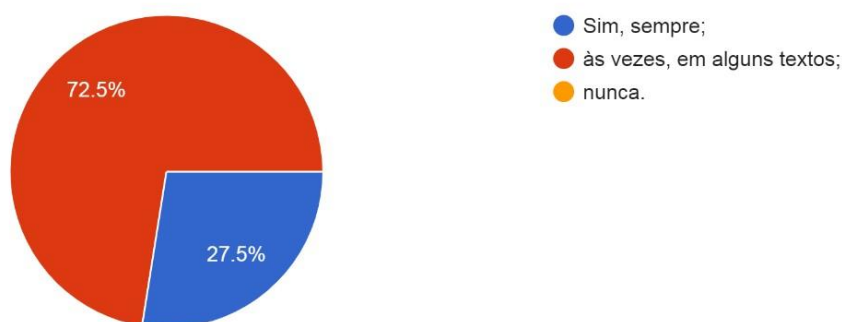
Fonte: Autora, 2020.

Pode-se observar no gráfico acima que 90,9% dos/as alunos/as que responderam à questão disseram que, dependendo da informação, buscam outras fontes e/ou veículos de informação e nenhum/a deles/as respondeu que nunca as procuram. Informar-se em fontes diversas sobre o mesmo assunto é um método de checagem de informações e também de evitar cair no chamado efeito bolha, que divide e partidiza informações e separa as pessoas em tribos, nas quais só se encontram seus pares, compartilhando com eles opiniões e convicções.

A quarta questão aborda um pouco sobre fontes:

Figura 16 – Gráfico das respostas da quarta questão

4. Você costuma observar as fontes dos textos que lê ou das informações que escuta?
40 responses



Fonte: Autora, 2020.

De acordo com o gráfico acima, 72,5% dos/as alunos/as responderam que às vezes observam as fontes dos textos que recebem; e 27,5% disseram que sempre fazem essa observação. Vale ressaltar que esse questionário foi a primeira abordagem da temática da pesquisa com os/as estudantes. Assim, o que eles/as entendem por fontes e sua confiabilidade não teve uma interferência de discussão com a professora, mas do que eles/as entendiam se tratar. É preciso dizer que o questionário foi uma sondagem e foi usado para que eles/as refletissem sobre o tema num primeiro momento e, após o aprofundamento durante as aulas e munidos de mais conhecimentos sobre o assunto, refletirem se a maioria das respostas dadas num primeiro momento seriam parecidas depois com o decorrer dos estudos.

A quinta questão pedia uma resposta curta sobre o que eles/as tomam como verdade do que recebem e leem. Por não se tratar de uma questão com alternativas, as respostas mudavam de formato, por isso, o gráfico gerado por essas respostas trazia informações demais; porém, as variantes das respostas são pequenas, pelo que podemos observar, elas se dividem entre sempre questionar e, às vezes, dependendo da mensagem, questionar. As respostas que contém “não” estão negando, na verdade, a confiabilidade das mensagens lidas, questionando que hoje em dia não se tem como saber mais o que é verdade e o que não é. Essa noção, a de que hoje não é possível saber o que é verdadeiro do que não é, é uma noção que reflete a massificação de *Fake News* e põe em xeque todas as informações. Para Orlandi (2012, p. 132):

O boato é assim um fato da vida social pública, traço do funcionamento coletivo da palavra. Por seu funcionamento, o boato atesta a não-transparência da linguagem e a não-trivialidade (banalidade) da opinião

pública, como fato complexo da vida das palavras – das formulações – nas suas relações com o silêncio, em um sítio particular de significação, o espaço público, em que conta a quantidade, no caso, a quantidade de sujeitos vivendo em um espaço de comunicação específico (E. Orlandi, 2000) e que tem necessidade de uma quantidade de informações. (ORLANDI, 2012, p. 132).

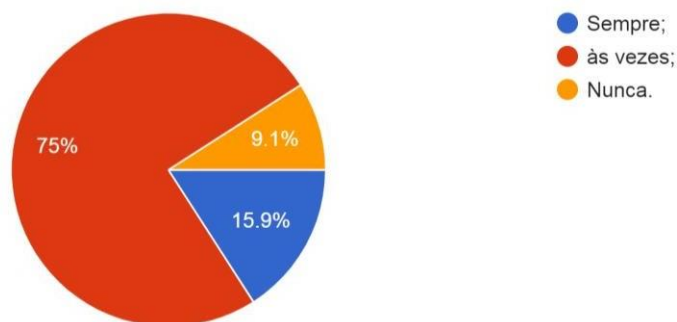
Fake News é como um boato e, como este, atesta essa não-transparência da linguagem, sua opacidade, fazendo ver que existem outros sentidos possíveis fora o que a sociedade e determinadas formações discursivas apontam como dominante.

A sexta questão aborda o confronto com ideias contrárias, conforme gráfico abaixo:

Figura 17 – Gráfico das respostas da sexta questão

6. Você escuta e leva em consideração ideias contrárias as suas?

44 respostas



Fonte: Autora, 2020.

A maioria (75%) disse que, às vezes, leva em consideração as ideias contrárias, 15,9% disseram que sempre consideram ideias contrárias e 9,1% nunca levam em conta opiniões diferentes. No cenário político brasileiro, podemos constatar uma grande polarização entre a população. A não aceitação de ideias contrárias, a preferência pela mesma fonte para se manter informado, além do fato de as bolhas nas mídias digitais separarem as pessoas em tribos ajudam na manutenção da indústria de *Fake News*.

A sétima questão pede que, em um parágrafo, respondam o que é *Fake News* para eles/as. A maioria das respostas consiste em uma simples tradução do termo, ou seja, são notícias falsas. Porém, algumas respostas mostraram um pouco mais de elaboração, como nos exemplos: “As Fake News são notícias falsas (boatos) que são compartilhadas em mídias sociais ou em até mesmo sites enganosos” (Aluno/a A); ou “Bom, o Fake News vem do inglês e significa fake de (falsa/falso) news de (notícias) e, dessa forma, em português, a palavra

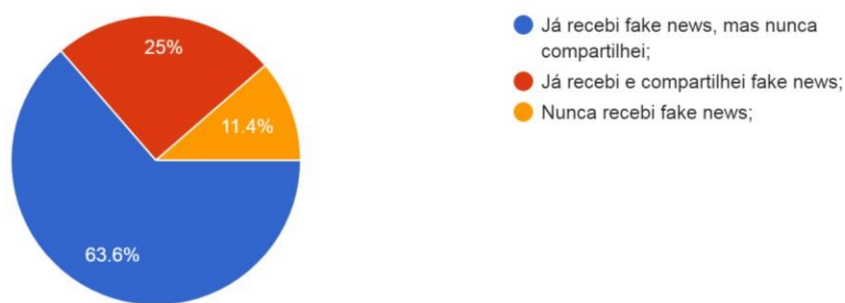
significa notícias falsas e esse Fake News são informações de rede sociais Ex.: Instagram, Facebook, Twitter, Whatsapp” (Aluno/a B).

Além disso, alguns mostraram, em suas respostas, quais possíveis objetivos tem quem fabrica essas notícias: “Notícias falsas, com o objetivo de expor um conteúdo falso a fim de enganar as pessoas” (Aluno/a C) ou “É a divulgação de notícias falsas que pode interferir negativamente em vários setores da sociedade, como política, saúde e segurança” (Aluno/a D). São com base nessas noções de *Fake News* que eles/as responderam a oitava questão:

Figura 18 – Gráfico das respostas da oitava questão

8. Você já recebeu e/ou compartilhou fake news?

44 respostas



Fonte: Autora, 2020.

Conforme se observa no gráfico acima, 63,6% disseram ter recebido *Fake News*, mas não compartilharam; 25% disseram que receberam e compartilharam *Fake News* e somente 11,4% responderam que nunca receberam *Fake News*.

As duas últimas questões foram abertas para que respondessem em, no máximo, um parágrafo. A nona questão consistia na pergunta: “Você acha que as *Fake News* são um problema atualmente? Por quê?”. Separei as respostas em três grupos distintos de acordo com o nível de argumentação, quais sejam: respostas superficiais (20 respostas), que simplesmente respondiam sim, e não justificavam, como nos exemplos: “Sim porque passa uma informação enganosa” (Aluno/a A), ou “Sim, por que a maioria das pessoas não procura saber se aquela notícia é falsa ou verdadeira!” (Aluno/a B); respostas medianas (17 respostas), que justificam, mas não se aprofundam na problemática, como nos exemplos: “Claro, pois elas trazem consequências desastrosas para a sociedade, induzindo as pessoas ao erro. Inclusive eu” (Aluno/a C), ou “Sim, pois muitas *Fake News* podem levar a confusões e histórias erradas a serem compartilhadas” (Aluno/a D); por fim, as respostas mais aprofundadas (7 respostas), que trazem um grau a mais de reflexão sobre a temática, como nos exemplos: “Sim são

porquê mentiras são divulgadas como verdade cria boatos e reforça pensamentos por meio de mentiras” (Aluno/a E) ou:

Sim. Porque quem estar por trás das notícias falsas, sempre está com o intuito de disseminar o ódio e prejudicar as celebridades, os políticos, empresas e quem recebe a informação. E enquanto o povo não procurar a notícia verdadeira em sites seguros, as *fake news* irão existir, porque se as pessoas ficarem compartilhando a informação falsa, mais vantagens e dinheiro eles terão e continuarão com as *Fake News*. (ALUNO/A F)

A última questão solicitava que eles refletissem sobre como se pode identificar notícias falsas. Separei as respostas em três grupos também, divididos em: respostas em que acertaram ao menos um processo efetivo de identificação (13 respostas), como nos exemplos: “Através de fontes confiáveis” (Aluno/a A), ou “Atualmente estou utilizando sites de check-in para saber se é fato ou fake. Portanto recomendo o mesmo” (Aluno/a B). “Check in” seria de checagem; respostas em que acertaram dois ou mais processos de identificação (9 respostas), como nos exemplos: “Avaliando a fonte, o site, o autor do conteúdo” (Aluno/a C), ou “Olhando se a fonte é confiável, se o link do site é mesmo o certo, se ele tem do cadeado (esse símbolo serve para dizer se a conexão com determinado site é segura) e também, analisando como você teve acesso a tal informação” (Aluno/a D); por fim, respostas que demonstraram nenhum conhecimento sobre processos de checagem de informações (22 respostas), além de vários/as terem respondido diretamente que não sabiam, outros/as fizeram como no exemplo: “Eu acho que é quando as pessoas compartilhar fake news” (Aluno/a E) ou “São uma forma de imprensa marrom etc...” (Aluno/a F).

4.3.2 Segundo plano de aula – os tipos de *Fake News*

Na segunda atividade, produzi uma apresentação no *power point* sobre os tipos de *Fake News*, tomando como referência um plano de aula da Revista Nova Escola (2018). A apresentação possui 10 *slides* (desde a capa até os agradecimentos) e, para ajudar no entendimento, usei o celular para gravar minha voz explicando cada um deles. Instruí os/as alunos/as a assistirem ao vídeo, que publiquei na minha conta do Youtube (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q6TGM1bNZZg&t=2s>) e postei nas turmas através do *google sala de aula*, e a fazerem um resumo sobre o que entenderam de cada tipo de *Fake News*. Abaixo estão discriminados alguns dos *slides* com os conteúdos da apresentação:

Figura 19 – Primeiro slide da apresentação sobre Tipos de *Fake News*

FAKE NEWS

FONTE: REVISTA NOVA ESCOLA. ACESSÍVEL EM: [HTTPS://NOVAESCOLA.ORG.BR/CONTEUDO/11701/CUIDADO-COM-A-FABRICA-DE-MENTIRAS](https://novaescola.org.br/conteudo/11701/CUIDADO-COM-A-FABRICA-DE-MENTIRAS)



Fonte: Autora, 2020.

Figura 20 – Terceiro slide da apresentação sobre os Tipos de *Fake News*

Primeiro tipo: SÁTIRA OU PARÓDIA

Sensacionalista

Homem que jogou bola de lama em Crivella pede desculpas à bola de lama

O dito prefeito do Rio de Janeiro Marcelo Crivella foi atingido por uma bola de lama durante um passeio pelo Realengo na manhã de hoje.

A população estava revoltada com uma frase do pastor, que culpou o povo pelas enchentes: "A culpa é de grande parte da população, que joga lixo nos rios frequentemente".

Ele também disse que as pessoas moram em encostas para evitar gastar dinheiro com encanamento de esgoto.

Crivella afirmou: "A culpa de eu ser prefeito do Rio também é da população".

Fonte: [sensacionalista.com.br](https://www.sensacionalista.com.br/2020/03/03/homem-que-jogou-bola-de-lama-em-crivella-pede-desculpas-a-bola-de-lama/)
<https://www.sensacionalista.com.br/2020/03/03/homem-que-jogou-bola-de-lama-em-crivella-pede-desculpas-a-bola-de-lama/>

Fonte: Autora, 2020.

Figura 21 – Quinto slide da apresentação sobre os Tipos de *Fake News*



Fonte: Autora, 2020.

4.3.3 Terceiro plano de aula – a linguagem e a produção de evidências, o boato

Para esse terceiro momento, postei, no *google* sala de aula, um vídeo intitulado “Como desestabilizar uma nação”. Trata-se de um curta produzido por Walt Disney, no ano de 1943, durante a Segunda Guerra Mundial. De forma lúdica, mostra como uma personagem (raposa) consegue desestabilizar todo um galinheiro (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Xgz0ieFyQk&t=5s>). Anexado ao vídeo, encaminhei também um questionário (figura 22) contendo nove questões sobre a história para levar os/as alunos/as a se aprofundarem nos significados possíveis disponíveis no vídeo. Nessa atividade, obtive retorno de 27 alunos/as.

Figura 22 – Questionário sobre vídeo "Chicken Little"**QUESTIONÁRIO SOBRE O VÍDEO "CHICKEN LITTLE"**

1*) No começo da história, o narrador faz a descrição de algumas personagens da trama. Preencha a tabela abaixo com as características usadas por ele:

Personagem	Características
Perus	
Dr. Galo	
Galinhas	
Patos	
Pintinho	
Raposa	

2*) No começo da história, as personagens do galinheiro estão felizes e seguras. Essa felicidade e essa segurança são mantidas até o final da história? Por quê?

3*) A raposa usa uma estratégia diferente para alcançar os seus objetivos. Que estratégia ela usou?

4*) Na sua opinião e de acordo com o que você viu no vídeo, por que escolher primeiro o menos inteligente do grupo para enganar?

5*) A primeira tentativa da raposa funcionou? Por quê?

6*) A raposa então decidiu continuar com seus planos e resolve destruir ou por em dúvida a autoridade do Dr. Galo. Descreva com detalhes como ela faz isso.

7*) Quando o Dr. Galo sai de cena, qual é o próximo passo da raposa?

8*) O desenho é de 1943, ou seja, de 77 anos atrás, mas é bastante atual. Trazendo essa história para a nossa realidade, quem ou o que você acha que exerceria o papel das personagens Dr. Galo, as galinhas, os perus, os patos, o pintinho e a raposa?

9*) Na sua opinião, as *Fake News* agem de forma parecida atualmente? Foi trabalho de uma pessoa só a disseminação dos boatos na história? Que lição(ões) você tira disso?

Fonte: Autora, 2020.

Na primeira questão, pedi para que fossem elencadas todas as personagens da história e de que forma elas eram descritas logo no início do curta. Com essa questão, minha intenção era levá-los/as a perceber que cada personagem ali teria um papel a desempenhar no desenrolar da narrativa. Era importante levá-los/as a perceber que o Dr. Galo, por exemplo, era descrito como o líder, alguém confiante, inteligente; as galinhas, como fofoqueiras, que passavam o dia a falar de tudo e de todos/as; os patos sempre bêbados, os perus, como a elite intelectual do local; o pintinho, como o ser mais ingênuo dessa história e a raposa, como uma personagem esperta, malandra.

A segunda é uma questão simples e ampla acerca da sensação e do humor do lugar onde o enredo do vídeo ocorre. Na terceira questão, afirma-se, de início, que a raposa usou uma estratégia diferente para conseguir seu alimento; com essa afirmação, espera-se que eles/as pressuponham que ela não agiu como o esperado, o normal, pois como um animal predador e de força física superior à presa, se quisesse comer algum dos animais do galinheiro, bastava atacar usando sua força. Então, qual estratégia foi usada pela raposa? O

narrador questiona os motivos de a raposa não simplesmente atacar os animais (a cerca alta, a espingarda do fazendeiro...), mas ela decide usar a “psicologia”, mais especificamente estratégias de como influenciar as massas para conseguir se fartar com todos os animais.

Os/as alunos/as, em sua maioria, conseguiram entender que estratégia foi usada pelo animal. As respostas variaram, desde descrevendo as ações da raposa ao longo da história, como em: “Escolher o menos inteligente do grupo e falar que o céu estava caindo, para em seguida mandar todos ir para a gruta” (Aluno/a A), ou em: “Ela usa o pintinho para fazer medo a ele e para depois ele contar para as outras pessoas, ela pegou um desenho de uma estrela na madeira e derrubou dizendo que era uma estrela que caiu do céu” (Aluno/a B); passando por destacar de fato a estratégia por trás das ações, como em: “Manipulando o pintinho, principalmente pro lado psicológico inventando coisas” (Aluno/a C), ou em: “Psicologia, ela conseguiu persuadir os personagens contando mentiras e se aproveitou do mais fraco do pintinho” (Aluno/a D); até entrar na relação com os boatos, como em: “ela usa uma ferramenta bastante usada: o boato” (Aluno/a E).

A quarta questão solicita que eles reflitam por que a primeira ação da raposa para influenciar as massas foi escolher o animal mais ingênuo do galinheiro. A partir dessa questão, a intenção é que os/as alunos/as deem mais atenção aos passos que a raposa segue em sua estratégia e levá-los/as à reflexão sobre como pessoas são usadas como fantoches para servirem a causas bem maiores que elas, acreditando, muitas vezes, estarem certas e como isso pode se relacionar com o recebimento e compartilhamento de *Fake News*. A maioria das respostas seguiu uma linha de raciocínio parecida, afirmando que “porque esses tipos de pessoa é mais fácil de acreditar nas coisas que os outros falam” (Aluno/a A), ou “Porque ele era o mais provável de acreditar” (Aluno/a B). Nenhuma dessas respostas apresentou uma reflexão sobre esse primeiro passo da raposa. Somente uma resposta mostrou um juízo de valor sobre essa ação: “Sim e realidades para muitas pessoas interesseiras, porque acha que vai ser o mais fácil de conquistar, mas não é certo” (Aluno/a C). O “mas não é o certo” aponta para um posicionamento do/a aluno/a sobre aproveitar-se de pessoas ingênuas para alcançar seus objetivos.

A primeira tentativa da raposa de usar o pintinho não funcionou e a quinta questão pergunta por que essa estratégia não deu certo no início. Com essa questão, tive a intenção de lançar luz à importância e ao prestígio do Dr. Galo no galinheiro, visto que bastou que ele aparecesse e refutasse a história trazida pelo inocente pintinho para que todos/as se acalmassem e retornassem as suas rotinas. Nesse momento do vídeo, é importante fazer uma analogia com o que anda acontecendo na sociedade no que se refere à perda de credibilidade

crescente das grandes mídias e do jornalismo de forma geral. As respostas, em sua maioria, seguiram a mesma lógica apenas informando que o Dr. Galo desmentiu, como em: “não porque o galo desmentiu” (Aluno/a A), ou, “não, porque o Dr. Galo desmentiu a informação” (Aluno/a B); ou que as galinhas confiavam no Dr. Galo, como em: “não, porque as galinhas acreditavam muito no Dr. Galo” (Aluno/a C); ou ainda, “não, porque as galinhas acreditaram no Dr. Galo” (Aluno/a D). Algumas respostas apresentaram um pouco mais de profundidade, mostrando não só o prestígio do Galo, como também sua inteligência e liderança, como em: “Funcionou não, quando todos estavam apavorados, o Dr. Galo apareceu para deixar todos calmos, alegando que não era um pedaço do céu e sim de uma madeira” (Aluno/a E), ou em: “Não. Porque o Dr Gallo foi mais inteligente e viu que a estrela era apenas um pedaço de madeira” (Aluno/a F).

Na sexta questão, pedi para que fossem descritos os passos seguidos pela raposa para desacreditar o Dr. Galo. Intentei, assim, que os/as alunos/as percebessem que ela mudava o comportamento, a forma de falar e até a postura para se inserir como igual perante aqueles que tentava enganar, como, por exemplo, aparentar estar bêbado para falar com os patos, usar óculos e ter uma postura mais erudita para conversar com os perus e usar o tom de fofoca com as galinhas. Com isso, fazer uma discussão posterior sobre como a indústria das *Fake News* moldam seus discursos para atingir a grupos específicos, ficando mais fácil seu engajamento e compartilhamento em massa. Quatro respostas dadas mostraram o detalhe da estratégia da raposa para tirar a autoridade do Galo, como vemos no exemplo: “ela se disfarçou em cada grupo, e fingiu ser de um jeito de cada pessoa, para assim difamar do galo e levantar dúvidas sobre ele” (Aluno/a A) e “Ela se veste de acordo com cada personagem e sai falando com cada grupo de personagem” (Aluno/a B); mas os/as alunos/as, em sua maioria, responderam no geral, como podemos observar em: “ela sai espalhando boatos sobre o senhor galo” (Aluno/a C); ou em: “Ela fala para todos que o Senhor Galo pode estar enganado, que ele não deixa tirarem suas próprias conclusões, assim destruindo sua autoridade” (Aluno/a D). A única resposta que mostrou um pouco de reflexão mais aprofundada foi a seguinte:

até então a comunidade estava conformada com a explicação do senhor Galo, porém a raposa sai espalhando a incerteza entre eles, então por fim consegue por a prova a autoridade do galo e, por consequência, inventa mais um boato: que era para as galinhas irem a gruta; foram todas e morreram todas. (Aluno/a E).

Com o Dr. Galo fora de cena, a raposa pode, enfim, prosseguir com seu plano. A sétima questão pede para que os/as estudantes descrevam qual foi o passo seguinte feito por

ela, que, nesse caso, era fazer do pintinho o novo líder do galinheiro. Essa questão evidencia a sequência dos planos da raposa e, também, da reflexão intentada anteriormente. Com a autoridade do Dr. Galo abalada, é preciso substituí-lo, é aí que entra mais uma vez o pintinho. As respostas apresentaram pouca variação no sentido, tendo como constante a descrição breve do que ocorre posteriormente na história, que é o fato de “Convence o pintinho de que ele seria um bom chefe, e manda o pessoal do galinheiro irem se esconder na gruta, lugar onde a raposa tinha bolado o plano para pegar o galinheiro” (Aluno/a A), ou ainda, “a raposa fez com que o pintinho virasse líder do galinheiro para que o pintinho levasse os animais para fora do galinheiro. Foi assim que a raposa comeu todos os animais do galinheiro” (Aluno/a B).

A oitava questão intenta trazer as personagens e o enredo da história para as atuais condições de produção, para tanto, solicitei através da pergunta que eles/as fizessem uma analogia entre essas personagens e pessoas ou cargos pertencentes à sociedade atual. Em muitas respostas, não houve uma analogia com pessoas ou cargos específicos da sociedade, como podemos ver no exemplo: “as pessoas mais espertas exerceriam o papel do Dr. Galo, as pessoas que são mais fáceis de serem influenciadas exerceriam o do pintinho e as mais golpistas que transmitem falsas notícias exerceriam o da raposa” (Aluno/a A). Assim como nesse exemplo, outros/as alunos/as também responderam com essa generalização, mas algumas respostas conseguiram trazer uma analogia, como na resposta que segue: “a mídia é a raposa que produz e espalha inicialmente os boatos. O senhor Galo é outra parte da mídia que serve para contradizer, verificando se o que falaram é verdade. O restante dos personagens somos nós que acabamos caindo e espalhando as fake news” (Aluno/a B), ou então, ainda:

Senhor Galo - pessoas informadas do que de fato acontece no mundo, e não se deixa enganar por fakes news. Raposa - É o q faz e elabora as fakes News, para fazer com que o público acredite na notícia, sendo ela verdadeira ou não. Pintinho - São os influencie, sites de fofocas, etc... que não procuram saber se é verdade a notícia, e fala, pública para que todos vejam. Perus - É o atual governo do brasil Galinhas e patos - são as pessoas que são enganadas com as fakes News (Aluno/a C).

A nona e última questão traz três questionamentos. O primeiro solicita que se faça um paralelo entre a história do curta e as *Fake News*; depois pergunto se a ação de desinformar foi papel de uma só pessoa e, por fim, qual(is) lição(ões) pode(m)-se tirar dessa história. A discussão dessa questão girou em torno de levá-los/as a perceber que, apesar de tudo ter sido arquitetado por uma personagem (a raposa), ela só obteve sucesso no caos que se seguiu à desinformação plantada (o céu está caindo) porque outras personagens acreditaram e

compartilharam. Conjuntamente ao paralelo feito entre essa história e as *Fake News*, mesmo que haja uma grande indústria de fabricação de desinformação, é preciso que pessoas reais deem credibilidade a esses discursos e compartilhem para que essas publicações alcancem cada vez mais pessoas. Todas as respostas, de formas diferenciadas, trazem as informações de que essa história se assemelha ao que ocorre atualmente com as *Fake News*, de que é preciso uma ação coletiva para que esses boatos se espalhem e de que a lição que deve ser aprendida é a de questionar, duvidar e não sair espalhando aquilo que não se tem certeza de ser verdade. Destaco a seguir algumas respostas específicas, como: “sim. Sim. Na verdade eu tiro duas lições, são elas: pessoas mal intencionadas podem fazer qualquer coisa para atingir seu objetivo. Devemos sempre apurar o que ouvimos” (Aluno/a A), ou ainda:

Parecida não! É da mesma forma! A disseminação acontece por todos os personagens da história. Não devemos ser uma raposa nas nossas vidas, devemos espalhar verdades, sermos um senhor galo da vida que procura saber dos fatos e analisa-los, até porque o ignorante afirma, o sábio duvida e o sensato reflete”. (Aluno/a B).

4.3.4 O quarto plano de aula – fato x opinião

Na sequência de atividades e discussões, propusemos o debate sobre a diferença entre fato e opinião. Para isso, disponibilizei três vídeos para que os/as alunos/as assistissem no *Youtube* com *link* disponível no *google* sala de aula (conforme figura abaixo).

Figura 23 – Print da atividade solicitada no *google* sala de aula



Fonte: Autora, 2020.

Os dois primeiros vídeos pertencem a um quadro do canal Porta dos Fundos, intitulado “Polêmica da semana”, cujo formato remete a debates com dois oponentes, um mediador e a

plateia. Com os temas “vacina” (<https://www.youtube.com/watch?v=dZVPiR8fJB8&t=143s>) e “aquecimento global” (<https://www.youtube.com/watch?v=LybaM4zgHC8>), trazem, através do humor e de personagens caricaturais, a diferença entre basear suas crenças em fatos ou em opiniões e senso comum.

O terceiro vídeo, intitulado como “Quando uma professora de matemática apenas quer fazer o seu trabalho”, do canal O Baricentro da Mente, traz a saga de uma professora de matemática que, ao corrigir seu aluno sobre um erro de adição tem sua vida virada ao avesso, pois o aluno, seus pais, o diretor da escola, o prefeito da cidade e toda a comunidade dizem que ela quis impor sua opinião sobre o menino (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wm_DGZrOf6U). Com esses vídeos, pretendi iniciar a discussão mostrando a diferença entre os fatos e as opiniões que, no caso dos exemplos disponibilizados, eram bem discrepantes.

Posteriormente, criei duas figurinhas para o *whatsapp* contendo as informações “isto é fato” e “opinião” e disponibilizei no grupo das turmas. Além disso, fui lançando enunciados contendo ou fato ou opinião e pedindo para que eles/as usassem as figurinhas indicando o que achavam que as sentenças traziam. Entre as duas turmas, somente sete alunos/as participaram desse momento, com maior participação da turma A.

Figura 24 – Print da atividade realizada no grupo de *whatsapp* do 9º A



Fonte: Autora, 2020.

Com a observação dos exemplos bem distintos nos vídeos e exemplos separados e isolados nas sentenças, propus um exercício com um pequeno texto que elaborei para que eles/as pudessem reconhecer e distinguir fatos de opiniões num mesmo enunciado.

Figura 25 – Atividade sobre fatos e opiniões



COMPLEXO EDUCACIONAL DEPUTADO JOSÉ MEDEIROS

Aluno/a: _____ 9º ano _____

Professora Anne Dayse B Sousa Magalhães

Língua Portuguesa

1º) Leia o texto abaixo com atenção e responda ao que se pede.

Homem, idoso e cardiopata é o perfil mais comum entre as 100 mil vítimas da Covid-19; além disso, os relatos sobre a doença em todo o mundo mostram que, quando comparadas aos adultos, as crianças raramente desenvolvem formas graves da doença. Por isso, não há necessidade de as aulas não retornarem.

a) Qual o assunto do texto?

b) Preencha a tabela abaixo mostrando se as informações nela contidas são fato ou opinião e por quê.

INFORMAÇÃO	FATO X OPINIÃO	COMENTÁRIO
Homem, idoso e cardiopata é o perfil mais comum entre as 100 mil vítimas da Covid-19.		
Os relatos sobre a doença em todo o mundo mostram que, quando comparadas aos adultos, as crianças raramente desenvolvem formas graves da doença.		
Não há necessidade de as aulas não retornarem.		

c) Como nesse parágrafo, a maioria dos textos não trazem só fatos ou só opiniões e nem sempre é fácil separar um do outro quando estão assim interligados. Você teve dificuldade em diferenciar fato de opinião nesse texto? Justifique informando como você conseguiu fazer essa separação.

d) Com que intenções você acha que fatos e opiniões estão interligados nesse texto?

Fonte: Autora, 2020.

Nessa atividade, obtive retorno de somente 18 alunos/as. O texto traz três informações, sendo duas delas fatos e a outra uma opinião. Na primeira alternativa, pretendi situar o/a aluno/a sobre o tema abordado no enunciado que criei a partir de informações sobre a Covid-19. Na segunda alternativa, pedi para que preenchessem uma tabela informando se cada informação é fato ou opinião e que comentários eles/as teriam para justificar suas conclusões. Dos/as 18 alunos/as, quatro somente se equivocaram quanto à caracterização da informação; na segunda informação, por exemplo, que se trata de um fato (as crianças serem menos suscetíveis a contraírem a forma grave da doença) o/a aluno/a A marcou como uma opinião alegando que “Não tenho a total certeza, mas eu acho que é importante porque pra mim esses relatos são de opiniões de pessoas”. Nota-se que para ele/a se trata de opinião porque não tem

certeza sobre a veracidade da informação. Além disso, ele/a indica como fato a conclusão do texto em que as aulas deveriam retornar, pois, segundo ele/a, “isso está para acontecer”.

O/a outro/a aluno/a acreditou que todas as informações trazidas no texto se tratavam de fato. As demais respostas mostraram que, apesar de acertarem as marcações, não souberam, em sua maioria, explicar profundamente como chegaram a essa conclusão; percebe-se que, como o assunto é bastante atual, houve uma dedução dos fatos baseando-se naquilo que havia se informado sobre o tema; é o que podemos observar no exemplo: “Porque isso realmente está acontecendo nos dias de hoje” (Aluno/a A) ou “Porque é uma informação afirmada pela OMS que os idosos ou qualquer outras pessoas com doenças crônicas são da área de risco” (Aluno/a B). Sobre a informação opinativa, a maioria deduziu se tratar de opinião por conseguirem facilmente discordar dela, como no exemplo: “Na minha opinião, não é possível retomar as aulas em um momento de aumento de casos em todo o Brasil” (Aluno/a C). Vale aqui destacar a resposta de um/a aluno/a por se trazer uma maior reflexão sobre o assunto proposto; ao afirmar que a primeira informação é fato, a justificativa foi a de que “Pessoas idosas e com doenças são do grupo de risco, por isso as mortes mais comuns da covid-19 é de idosos com doenças graves” (Aluno/a D); na resposta há a ideia de argumento e conclusão que confirmam que a afirmação se tratava de um fato.

A alternativa C da questão procura extrair dos/as alunos/as as informações de dificuldade em separar os fatos das opiniões e que métodos eles/as usaram para chegar as suas respostas. A maioria respondeu que não teve muita ou nenhuma dificuldade em diferenciar, pois “o texto fala sobre um acontecimento que estamos vivendo nos dias de hoje, fatos que realmente estão acontecendo” (Aluno/a A) ou “com base nas informações do dia a dia é possível ter uma noção, por ser sobre a covid-19” (Aluno/a B). Os/as que afirmaram ter alguma dificuldade, disseram que “Um pouco, eu pesquisei no google pra mim saber mais sobre esse assunto, sobre fato eu entendi que é aquilo que aconteceu, já em opinião é o que alguém pensa que ocorreu e foi a partir disso que eu fiz a separação” (Aluno/a C) ou “eu deduzi lendo e as definindo” (Aluno/a D). Nota-se, nas justificativas, que foi utilizada a dedução para responder a essa questão, somente o/a aluno/a C informou ter pesquisado no *google* para chegar a uma conclusão.

Na última alternativa dessa questão, solicitei que os/as estudantes refletissem sobre as possíveis intenções de se produzir um enunciado em que fatos e opiniões se misturam. Nenhuma das 18 respostas conseguiu atingir minimamente o solicitado, a maioria se ateve a explicar a diferença entre fato e opinião, como em: “Os fatos são coisas que estamos vivenciando hoje em dia com essa doença, já a opinião sobre os relatos sobre essa doença em

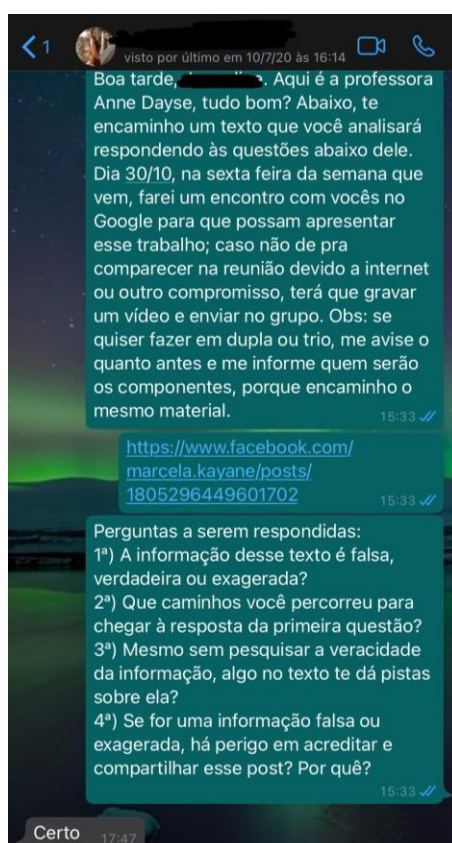
todo o mundo” (Aluno/a A). Essa era a pergunta em que esperava poder me aprofundar nos discursos que pregam a imparcialidade, mas que trazem opiniões mescladas aos fatos com o intuito de influenciar o/a leitor/a.

Após a devolutiva do exercício, produzi um vídeo (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8cz1zZbvPLU&feature=youtu.be>) em que discuti sobre os vídeos enviados e as questões solicitadas para que aqueles que assistissem a ele pudessem refletir mais sobre a temática.

4.3.5 Quinto plano de aula – analisando *Fake News*

No quinto momento da pesquisa é que, pela primeira vez, os/as alunos/as entraram em contato com peças de desinformação. Para facilitar a execução da atividade e para que houvesse um bom número de participações, deixei-os/as à vontade para escolherem realizá-la individualmente ou em grupo. Para essa atividade, não fiz publicação no *google* sala de aula, preferi enviar individualmente o texto e as orientações para cada contato constante nos grupos de *whatsapp* das turmas, conforme exemplo da figura abaixo:

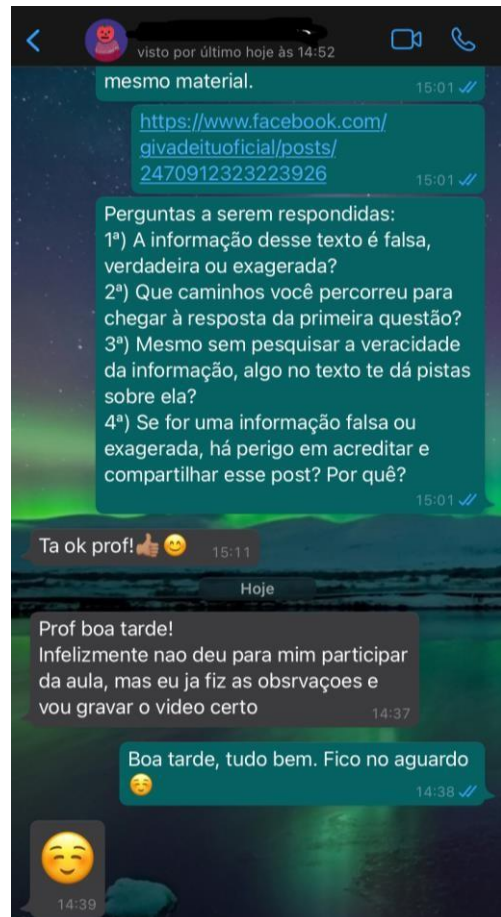
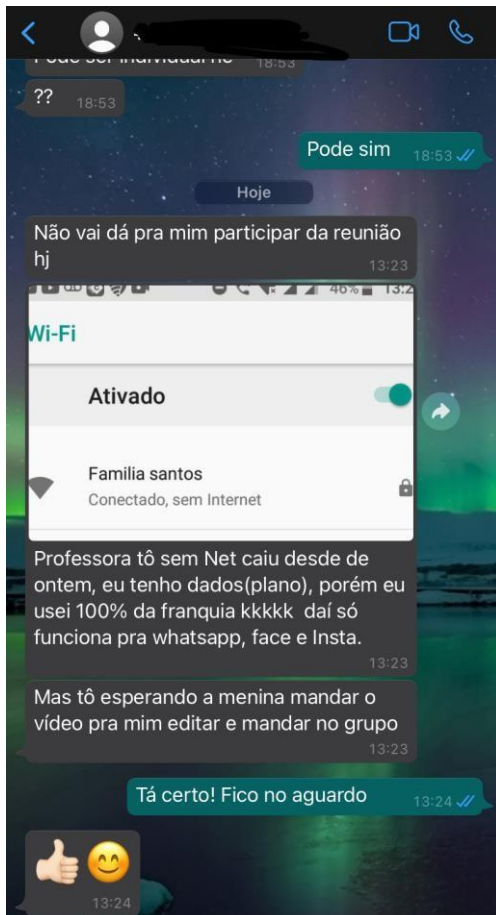
Figura 26 – Print de mensagem enviada a uma aluna no *whatsapp*



Fonte: Autora, 2020.

Como visto, marquei uma aula *online* pelo *google meet* no dia trinta de outubro, uma sexta-feira, às 14:00hs; mas mantive uma alternativa para caso eles/as não conseguissem acessar o *link* naquele dia e horário. Um aluno me avisou com antecedência que não conseguiria participar do momento *online* e outro aluno se justificou pela ausência na aula, conforme podemos comprovar nas figuras abaixo:

Figuras 27 e 28 – Prints de conversa com alunos/as

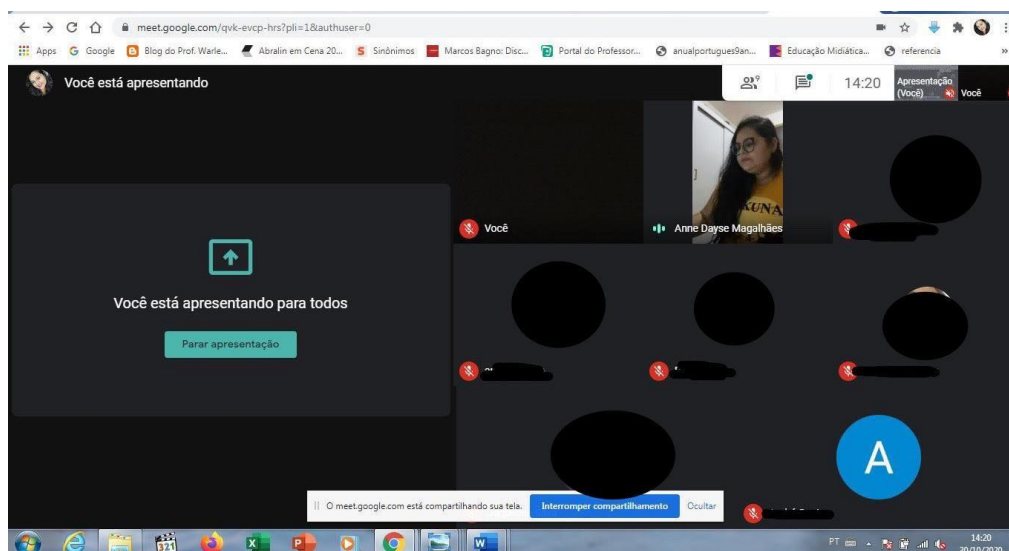


Fonte: Autora, 2020.

Nesse momento pandêmico em que adotamos o ensino remoto, a flexibilidade é fator importante para preservar a saúde mental dos/as alunos/as e tentar obter uma maior participação da maioria.

Para a aula no *google meet*, compareceram apenas seis alunos/as entre as duas turmas, cada um/a apresentou sua pesquisa e o que respondeu sobre as questões que foram enviadas e fizemos uma pequena discussão sobre os perigos da desinformação.

Figura 29 – Print da aula no *google meet*



Fonte: Autora, 2020.

As peças de desinformação disponibilizadas traziam as possíveis curas para a Covid-19 que iam desde gargarejo com líquido quente à posologia de vários medicamentos para cada fase da doença garantindo a cura do/a paciente. Na apresentação *online*, fui chamando nominalmente cada aluno/a para fazer a sua apresentação. O primeiro aluno a apresentar recebeu o texto em que se fala sobre a comprovação de que a presença de vitamina D é fator importante em casos leves da doença. Na resposta para a primeira pergunta se a informação era verdadeira, falsa ou exagerada, ele informou que achou que era exagerada e sua justificativa foi dedutiva, não houve uma pesquisa, uma busca para verificação. A última questão foi sobre os possíveis perigos em se acreditar nas informações do texto e ele disse que acreditar nisso faria com que as pessoas buscassem meios de aumentar seus índices de vitamina D no organismo, então questionei se ele sabia quais fontes podem nos trazer a referida vitamina e ele respondeu que seria o sol e que a excessiva exposição ao sol poderia ocasionar num câncer de pele.

A segunda apresentação, de um trio de alunas, foi acerca do texto em que há a informação de que o país de Israel havia, em meados de março de 2020, desenvolvido uma vacina oral para prevenção da Covid-19. Antes de as alunas apresentarem, frisei o fato de que, enquanto o texto da apresentação anterior se tratava de uma publicação compartilhada pelo *whatsapp* e *Facebook*, o texto da atual apresentação tratava-se de uma notícia num *site*; abri esse parêntese para leva-los/as perceber que as *Fake News* aparecem de diferentes formas e em diferentes canais. À primeira pergunta, as alunas disseram que a notícia é falsa, pois, segundo elas, a vacina ainda está em desenvolvimento. Perguntei a elas se observaram a data

de publicação da notícia para facilitar a reflexão sobre a veracidade do texto. Como a publicação foi feita em 16 de março, o que ela diz no momento da apresentação que aconteceu no final de outubro? Elas responderam que até hoje ninguém viu essa vacina e nem se fala de vacina de Israel sendo testada. Questionei a elas qual seria o perigo de se acreditar nessa informação em março, no tempo da publicação e uma delas respondeu que: “o perigo é que muitas pessoas acabam compartilhando uma notícia ao menos sem ter certeza se é falsa ou se é verdadeira e cada compartilhamento gera mais visualizações e mais pessoas acabam acreditando”. Ainda frisei na aula sobre o volume de peças de propaganda que aparecem no *site* em que se encontra a segunda *Fake News* apresentada, para que eles/as percebessem que estávamos falando sobre uma indústria lucrativa; ao fazer essa reflexão, uma das alunas menciona o título chamativo para atrair mais leitores, o chamado *clickbait*⁴.

A terceira apresentação foi sobre um texto que instruía os/as leitores/as a usarem muita água sanitária em vasos e águas residuais. Para a primeira pergunta, a aluna informou se tratar de uma informação falsa, ela foi a única que informou um método de verificação e que não usou somente a dedução, pois afirmou ter buscado no *site* da Agência Lupa sobre o texto. Ao ser questionada sobre os perigos de se acreditar nesse texto, ela respondeu que “há perigo sim, porque às vezes as pessoas se confundem com as notícias e elas podem compartilhar notícia falsa sem querer e às vezes elas nem prestam atenção nas notícias e compartilham”.

A última apresentação *online* trouxe o texto em que se afirma que o Coronel Heleno⁵ foi curado da Covid-19 depois do tratamento com a cloroquina. Tive grande dificuldade em entender o que o aluno estava explicando devido a problemas de conectividade, ficando, assim, muito difícil relatar quais foram suas respostas às questões solicitadas.

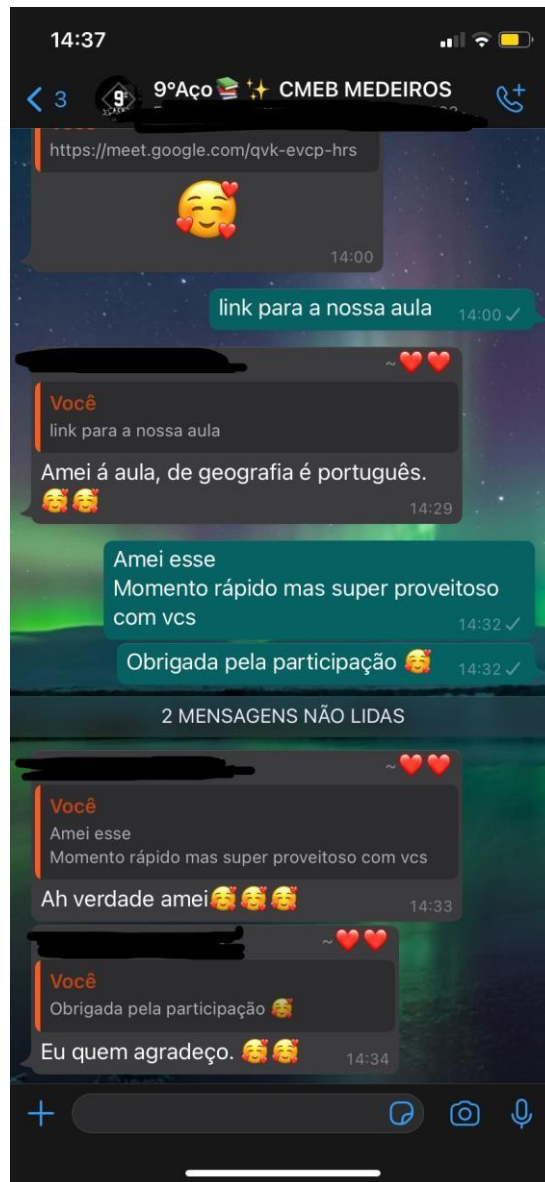
Para finalização desse encontro, perguntei aos/às presentes o que todas essas notícias apresentadas tinham em comum; após um bom tempo de silêncio, uma pessoa respondeu que porque elas são falsas, mas ninguém mostrou perceber que todas elas se tratavam de supostas curas e soluções para a Covid-19. Posteriormente, comecei a refletir com eles sobre como existem diversas maneiras de desinformar, às vezes, a informação não é toda falsa, na verdade há uma maior probabilidade de ela ser recebida como verdadeira se houver nela informações reais e abordei sobre os *clickbaits*. Por fim, destaquei a discussão sobre os perigos de se acreditar nessas informações, mostrando a eles/as que, quando se acredita que tomando sol, ou fazendo gargarejo com líquido quente ou que se tem uma vacina a caminho, relativiza-se a

⁴ Estratégia de divulgação *online* que objetiva atrair uma grande quantidade de cliques nas postagens através de títulos chamativos e, muitas vezes, não condizentes com a postagem em si.

⁵ Ministro-chefe do Gabinete da Segurança da Presidência do Governo Bolsonaro.

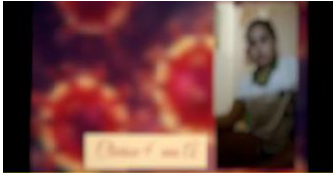
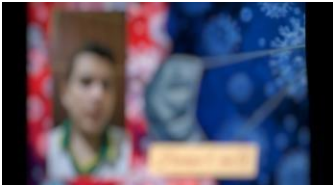
doença e, por conseguinte, deixa-se de se preocupar e de se cuidar, afinal, uma doença que tem curas tão simples não deve ser tão ruim quanto dizem; a desinformação, assim, pode, literalmente, matar. Após a aula, duas das alunas presentes deram *feedback* no grupo de *whatsapp* da turma.

Figura 30 - Print da conversa no grupo de *whatsapp* da turma



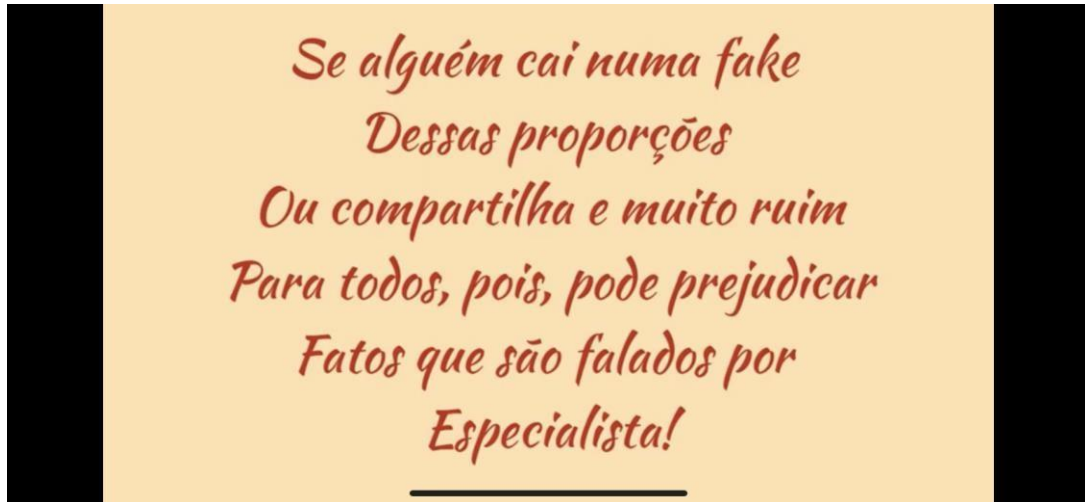
Fonte: Autora, 2020.

Uma equipe composta por três alunos/as enviou, através do grupo de *whatsapp* da turma, o vídeo que produziu. O texto para análise se tratava de posologia com diferentes medicamentos para cada fase da doença. Na tabela abaixo, trago as informações contidas na apresentação:

ALUNO/A	PERGUNTA	RESPOSTA
 Aluna A	 A informação deste texto é falsa, verdadeira ou exagerada?	“É falsa. Como cheguei a essa conclusão? Pois no texto diz que foi um profissional da saúde que escreveu esse texto, só que nenhum profissional da saúde chegou a escrever textos passando remédios, passando sintomas; muitos médicos deram entrevistas, gravaram vídeos, só que nenhum chegou a escrever um texto falando sobre essas coisas; e outra, nenhum médico passa medicamentos sem nenhuma prescrição científica, e no texto manda tomar azitromicina, só que nenhum médico pode passar medicamentos assim sem ser liberado pela OMS”. (Aluna A).
 Aluna B	 Mesmo sem pesquisar a veracidade da informação, algo no texto te dá pista sobre ela?	“Sim, pois fala aqui no texto que Covid-19 tem cura, mas a Covid-19 não tem cura e fala que no nono dia de tratamento a Covid-19 tem cura”. (Aluna B).
 Aluno C	 Se for uma informação falsa ou exagerada, há perigo em acreditar e compartilhá-la esse post? Por que?	“Sim, é perigoso acreditar e compartilhar esse tipo de informação, pois vai contra o que instituições sérias e médicos especialistas de todo o mundo vem falando desde o começo da pandemia. Tem alguns tópicos, algumas informações que são extremamente exageradas, fora do normal, exagero total, e que muitas pessoas acreditam. Eu vejo esse texto passando pelas redes sociais, há muito tempo e vejo muitas pessoas compartilhando sem mesmo checar se é verdade, a veracidade dos fatos ou se é mentira ou algo do tipo, entendeu? Na minha opinião, eu acho que isso aí é falso, tem algumas verdades na questão dos sintomas da Covid-19, agora a questão da azitromicina e do tratamento acho que isso não tem nada a ver, até porque o coronavírus ainda não tem uma cura ou vacina, por isso é extremamente importante verificar as informações dos fatos”. (Aluno C).

Após as apresentações em que cada integrante respondeu uma ou duas das perguntas que enviei, eles/as encerraram o vídeo com o seguinte texto:

Figura 31 – Mensagem retirada do vídeo produzido pelos/as alunos/as



Fonte: Autora, 2020.

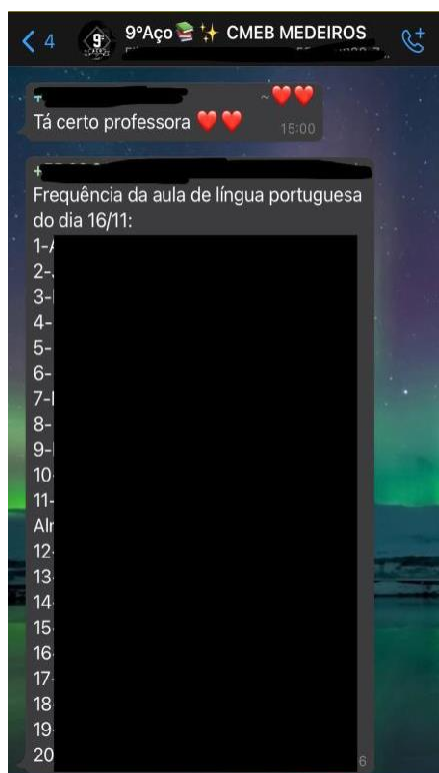
Nota-se, nas respostas, que os/as componentes da equipe estavam informados sobre as possíveis curas e vacinas da Covid-19 e isso transparece em suas respostas, mas, como veremos na análise, faltou uma leitura mais profunda sobre os perigos da desinformação.

4.3.6 Sexto plano de aula – por que se acredita e se dissemina *Fake News*?

Na sequência das discussões propostas, enviei, via *google* sala de aula, dois vídeos que abordam como, psicologicamente, as pessoas se deixam levar por *Fake News*, o chamado “Viés de confirmação”.

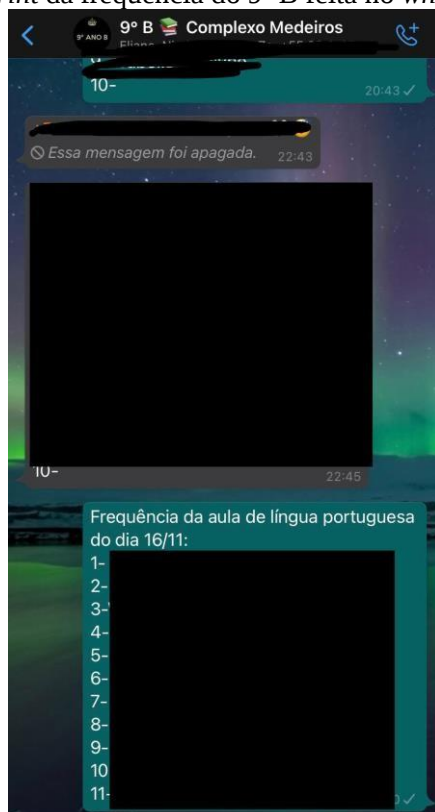
Posteriormente, enviei no grupo de *whatsapp* das turmas o *link* do questionário sobre os vídeos indicados. Juntamente com o *link*, enviei uma lista de frequência para que os/as alunos/as que estavam naquele momento *online* preenchessem. Na turma A, 20 alunos/as preencheram a frequência e, na turma B, 11 o fizeram; no entanto, somente 11 alunos/as responderam ao questionário, conforme *prints* abaixo:

Figura 32 – *Print da frequência do 9º A feita no whatsapp da turma*



Fonte: Autora, 2020.

Figura 33 – *Print da frequência do 9º B feita no whatsapp da turma*



Fonte: Autora, 2020.

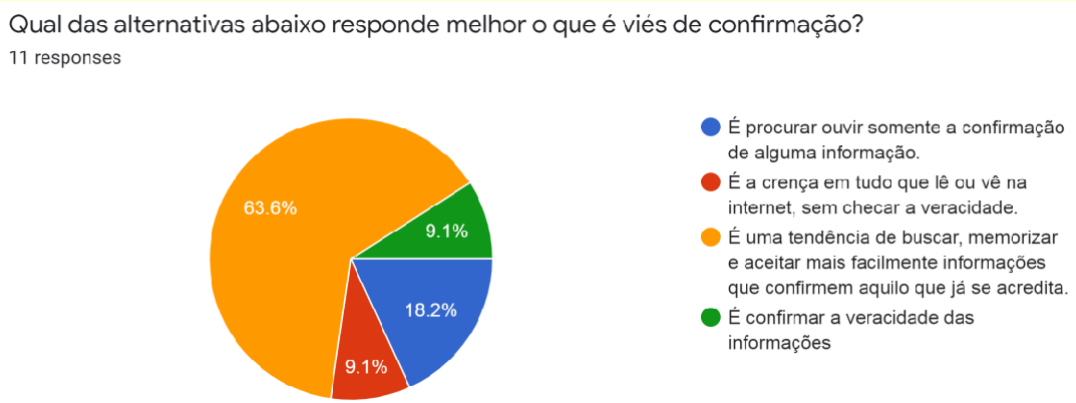
Figura 34 – Print da página principal do questionário



Fonte: Autora, 2020.

Como dito anteriormente, a participação dos/as alunos/as ao longo desse ano letivo desafiante foi perdendo as poucas forças que tinha no início. O questionário continha 7 perguntas sobre os conteúdos abordados nos vídeos, mais especificamente sobre viés de confirmação e mídia hostil. A primeira pergunta questiona sobre o que seria viés de confirmação, que se conceitua como uma tendência de buscar, memorizar e aceitar mais facilmente informações que confirmem aquilo que se acredita; 63,6% dos/as alunos/as que responderam acertaram, conforme gráfico da figura abaixo:

Figura 35 – Gráfico das respostas da primeira questão



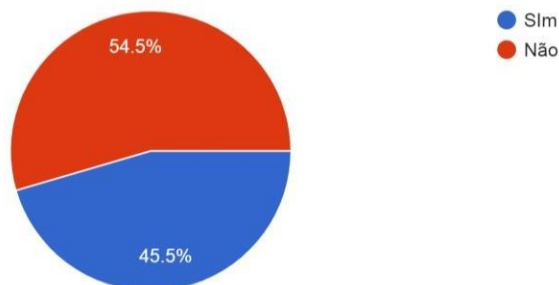
Fonte: Autora, 2020.

Um pouco mais de 18% dos/as alunos/as responderam que viés de confirmação seria procurar ouvir somente a confirmação de alguma informação; uma resposta próxima da mais completa, mas que não conceitua plenamente o termo cunhado pelo psicólogo Peter Wason, nos anos de 1960, que disse que “as pessoas têm uma tendência de, uma vez adotada uma crença, só busca por exemplos que a confirmem, favorecendo informações que corroboram com suas crenças ou vieses existentes anteriormente” (WASON *apud* ROSUMÉK *et al.*, 2021, p. 6). E as duas últimas alternativas, distantes dessa conceituação, receberam porcentagem empatada (9,1%) de escolha como resposta correta.

No primeiro vídeo, intitulado “Viés de confirmação: ver para crer ou crer para ver?”, é feita uma metáfora de viés de confirmação como uma forma de peneirar um suco de laranja, em que o líquido que desce para o copo é o que queremos armazenar como informação e o que fica na peneira, o bagaço, são as informações que deixamos de lado. Assim, na segunda questão, pergunta-se se eles/as se recordam ou já perceberam terem feito essa peneira mental sobre algumas informações com as quais concordam. A ideia desse questionamento era tentar leva-los/as a refletir sobre como usamos o viés de confirmação e nem nos damos conta disso, desde uma informação sobre alguma pessoa ou situação, até a informações mais gerais relacionadas à política, à saúde, entre outros. As respostas seguiram quase num empate, cuja maioria (54,5%) dos/as alunos/as afirmaram que não se recordam de terem feito essa peneira em informações; e 45,5% afirmaram terem feito, conforme é possível constatar no gráfico abaixo:

Figura 36 – Gráfico das respostas da segunda questão

Você se recorda de já ter feito essa "peneira mental" em informações que você concorda ou não?
11 responses



Fonte: Autora, 2020.

Na terceira questão, pergunta-se quais problemas o viés de confirmação pode trazer para o nosso dia-a-dia. Das 11 respostas, somente cinco conseguiram ser coerentes com o que

propunha a questão, mas foram meras cópias do que foi dito no vídeo, como no exemplo: “o maior problema do viés de confirmação é sabotagem. com ele, fazemos escolhas que não condizem com o que é melhor” (Aluno/a A), ou “A partir do momento que passamos a querer acreditar apenas no que nos beneficia (no que acreditamos, no que queremos ouvir) passamos a nos fechar para novas opiniões. E isso pode nos prejudicar muito na questão financeira e até na vida pessoal” (Aluno/a B).

A resposta que se aprofunda um pouco e vai além do informado diretamente no vídeo é:

Como dizem: "A gente ver aquilo que queremos ver" e isso pode ser bastante prejudicial. Por mais que aquilo pareça certo, até mesmo verdade, acreditamos naquilo que nós convém, que já temos uma opinião formada sobre e isso dificulta tanto em nosso dia a dia, quanto na convivência com outras pessoas, pois nem respeitamos a opinião do outro, como fechamos os olhos para o que realmente é certo, baseando-se apenas naquilo que já acreditamos! (Aluno/a C).

Entender os perigos e prejuízos do viés de confirmação no nosso dia-a-dia é um fator importante para compreender a ascensão das *Fake News*.

A quarta questão pede para eles/as relacionarem o viés da confirmação com o fenômeno das *Fake News*. Nenhum/a aluno/a conseguiu fazer uma relação entre os dois conceitos, ou seja, não observaram que o fato de tantas pessoas acreditarem em *Fake News* esteja relacionado ao fato de que se tende a buscar informações que concordem com o que se acredita e, quando encontrada, dificulta a disposição de checar se é verdadeira, porque se quer acreditar que é verdadeira já que se encaixa tão bem com o que se acredita. Respostas como no exemplo: “É que o viés de confirmação e as fake News são duas coisas que estão quase lado a lado pois são duas coisas que é mas levado pelo lado em que queremos que seja e que queremos acreditar mesmo sem saber se é certo ou errad” (Aluno/a A), mostra que entendeu o conceito, mas não fez a devida relação de causa e consequência.

A quinta questão diz respeito a um termo apresentado no segundo vídeo, do Canal Nerdologia, o chamado efeito da “Mídia Hostil”. Para explicar esse termo, o apresentador do canal fala sobre um fato intitulado “Massacre de Sabra e Chantila” e que alguns pesquisadores utilizaram para realizar um experimento. Esses pesquisadores convidaram estudantes universitários e os separaram em três grupos diferentes (os pró Israel, os pró Palestina e os que não sabiam nada sobre o assunto) e pediram para que eles analisassem as mesmas reportagens. Desse experimento, os estudantes neutros disseram que acharam a abordagem dos jornais isenta e imparcial; o grupo pró Israel, para as mesmas reportagens,

disse que os jornais culpavam muito o país e que eles tinham um alinhamento pró Palestina; e o grupo pró Palestina disse, por sua vez, que as reportagens não culpam Israel o suficiente e têm um alinhamento pró Israel. A esse efeito de grupos ideologicamente diferentes diante das mesmas reportagens deu-se o nome de Mídia Hostil.

Figura 37 – Gráfico das respostas da quinta questão

De acordo com o segundo vídeo, o que é o Efeito da Mídia Hostil?

11 responses



Fonte: Autora, 2020.

Conforme gráfico acima, 63,6% dos/as alunos/as responderam que Mídia Hostil é quando a sociedade deixa de acreditar na grande mídia, sendo assim hostil a ela; somente 18,2% responderam que é quando uma mesma notícia pode ser interpretada de forma diferente dependendo de quem ler. A maioria pode ter sido levada a escolher essa alternativa por ser a única que traz a palavra “hostil” nela, portanto não entenderam seu conceito e, por conseguinte, sua relevância na discussão sobre *Fake News*.

Ainda, sobre o vídeo do canal Nerdologia, são abordados os perigos e as consequências das *Fake News* e um exemplo citado foi a da ideia comprada pelo então presidente da África do Sul, Thabo Mbeki, em 1999, sobre a AIDS não ser transmitida pelo vírus HIV e sim através de drogas; ele suspendeu a distribuição de medicamentos de tratamento contra o HIV e diferentes estudos concluíram que essa medida foi responsável por cerca de 330 mil mortes no país. Na sexta questão, utilizo esse exemplo para que eles façam um paralelo entre o que aconteceu na África do Sul, em 1999, e o que acontece no mundo com o coronavírus. Das 11 respostas, somente 3 não souberam responder ao solicitado; 6 respostas foram curtas, mas demonstraram um paralelo com as duas situações, como em: “sim porque estão espalhando notícias falsas sobre o coronavírus e as pessoas estão acreditando nessas mentiras” (Aluno/a A), ou “Sim porque não se sabe muita coisa sobre o vírus e

governantes passam as informações de acordo com o que convém a eles” (Aluno/a B).

Duas respostas mostraram um nível mais profundo e específico de paralelo:

Na minha opinião sim, pois temos como exemplo a "Cloroquina" (a suposta cura para o coronavírus, segundo o presidente Jair Bolsonaro) mas já foi avisado varias vezes que ela pode trazer riscos, mas a ideia de ser "A cura", foi tão bem passada que as pessoas não estão se importando com os efeitos colaterais trazidos por ela, só querem saber da cura, não importa a notícia, é o que acreditam e ponto final! (Aluno/a C)

Ou:

Sim, nesse período de Pandemia sugeriram diversos casos semelhantes a esse, como: prescrição de medicamentos ineficientes para o combate do vírus, informações falsas sobre como se prevenir do vírus, posicionamentos contraditórios aos cuidados prescritos pela OMS, circulação de informações falsas sobre o número de casos ou mortes, desleixo de alguns governantes, para a situação atual pela qual as pessoas estão passando, entre diversas outras de incoerências, que prejudicam o combate ao vírus e a restabilização da sociedade. (Aluno D).

Essas duas respostas apontam situações específicas que podem ser comparadas ao que aconteceu na África do Sul e o objetivo dessa questão era justamente o de que eles/as pudessem perceber o quanto a desinformação é um perigo real e precisa ser combatida.

A sétima e última questão pede para que eles/as dissertem sobre o que mudou em suas visões sobre o tema *Fake News* depois de todas essas discussões. Dentre as respostas, destaco a seguinte:

Por mais que pareça apenas um brincadeira ou coisa do tipo, as Fakes News são bastantes perigosas e podem causar o caos em segundos. Tudo que compartilhamos é visto por muitas pessoas, por isso devemos ser cautelosos em compartilhar notícias que pareçam suspeitas, sempre observando a fonte e da onde saiu a notícia. Assim como coisas boas podem ser espalhadas com facilidade, as ruins também. (Aluno/a A)

Apesar das adversidades trazidas por esse ano letivo atípico, ter obtido participação e evolução de alguns/algumas alunos/as sobre essa temática tão importante é um grande avanço. Os/as alunos/as, em sua maioria, mostraram ter percebido os perigos por trás das *Fake News* e que consequências negativas elas podem trazer para a sociedade, especialmente quando as notícias falsas envolvem questões relacionadas à saúde pública.

4.3.7 Sétimo plano de aula – como identificar *Fake News*?

Através do *google* sala de aula, enviei um vídeo (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fobzle2TY-I>) primeiramente agradecendo a participação de todos e todas, depois comentando sobre os assuntos constantes na atividade anterior (viés de confirmação e mídia hostil); na sequência, há um vídeo retirado do *Instagram* @redescordiais contendo o depoimento de um filho sobre a perda do pai que morreu em consequência da desinformação e do coronavírus; por fim, oriento-os/as a assistirem ao vídeo “*Fake News*: como saber se uma notícia é falsa?” (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ALS8PhTX4k8&t=1s>).

Após discussões sobre boatos, perigos e consequências das *Fake News* e análise de notícias falsas, é preciso identificar estratégias de reconhecimento dessas notícias e passar esse conhecimento adiante; a atividade, assim, é a da confecção de um produto (que pode ser em formato de texto, postagem ou vídeo) que oriente outras pessoas na identificação de *Fake News*. Dei o prazo de 15 dias para a confecção e entrega do trabalho.

Figura 38 – *Print* da solicitação da atividade no *google* sala de aula



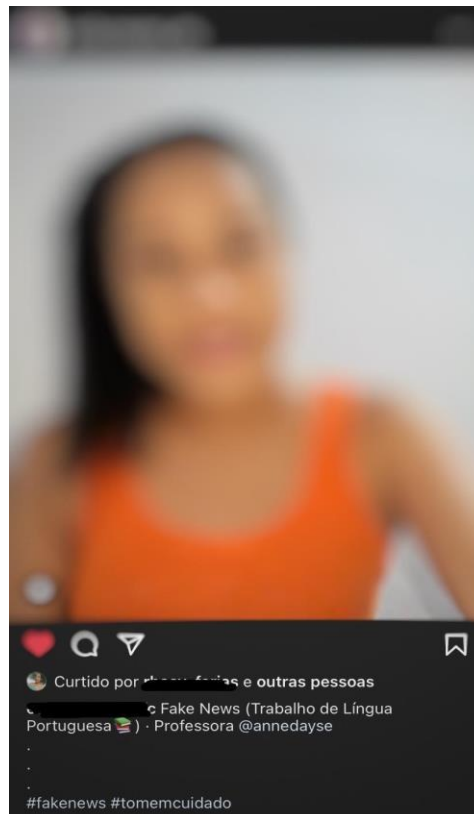
Fonte: Autora, 2020.

Até a data solicitada, 10 alunos/as entre as duas turmas realizaram a atividade; dentre os 10 trabalhos feitos, 6 foram textos escritos enviados no *google* sala de aula resumindo o que são *Fake News* e listando alguns procedimentos de checagem presentes nos materiais

disponibilizados a eles/as; 3 foram vídeos postados no *Instagram* pessoal deles/as e/ou enviados no grupo de *whatsapp* da turma; e 1 foi uma postagem feita no *Instagram* pessoal do aluno.

O primeiro vídeo (dois minutos e vinte e três segundos de duração), postado no *Instagram* pessoal da aluna, contém a listagem de procedimentos para checagem, incluindo a informação das agências checadoras de fatos que temos à disposição no Brasil (Lupa, e-farsas, entre outras) e a aluna finaliza dizendo que “a melhor maneira de diminuirmos os impactos das *Fake News* é cada cidadão fazer sua parte, sempre antes de compartilhar uma notícia ir lá, pesquisar para saber se realmente é verdadeira, para não estar novamente enviando uma notícia *fake*”.

Figura 39 – Print do vídeo da aluna postado em seu perfil no *instagram*



Fonte: Autora, 2020.

O segundo vídeo também foi postado no *Instagram* pessoal da aluna e compartilhado no grupo do *whatsapp* da turma; com duração de quatro minutos e dois segundos, ela apresenta sua cartilha dividida em três partes: o que é *Fake News*, como não cair em uma *Fake News* e como saber se uma notícia é falsa ou verdadeira. Ao explicar sobre o que é *Fake News*, a aluna orienta a não curtir, não comentar e, principalmente, não compartilhar uma

notícia falsa, pois “você vai se tornar um cúmplice de uma divulgação falsa”. Na sequência, ela lista procedimentos de identificação e checagem.

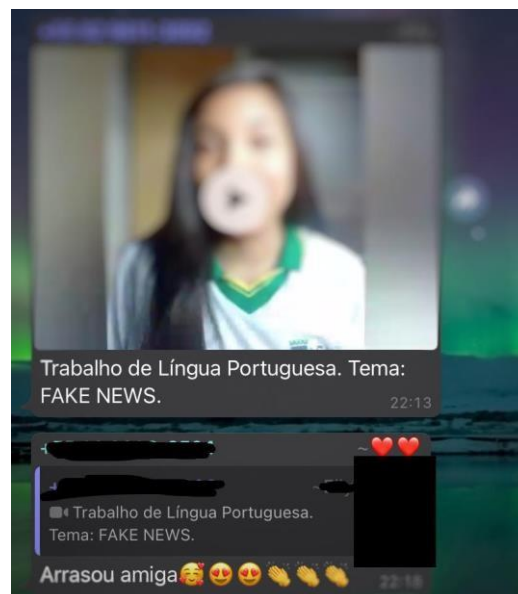
Figura 40 – Print do vídeo publicado no *instagram* pessoal da aluna



Fonte: Autora, 2020.

O terceiro vídeo foi enviado no grupo de *whatsapp* da turma, com duração de cinquenta e nove segundos, a aluna faz uma listagem de procedimentos de identificação de *Fake News* de forma direta e objetiva, tais como: verificar a autoria do texto, ler todo o texto e não somente sua manchete, entre outros procedimentos.

Figura 41 – Print do envio do vídeo no grupo de *whatsapp* da turma



Fonte: Autora, 2020.

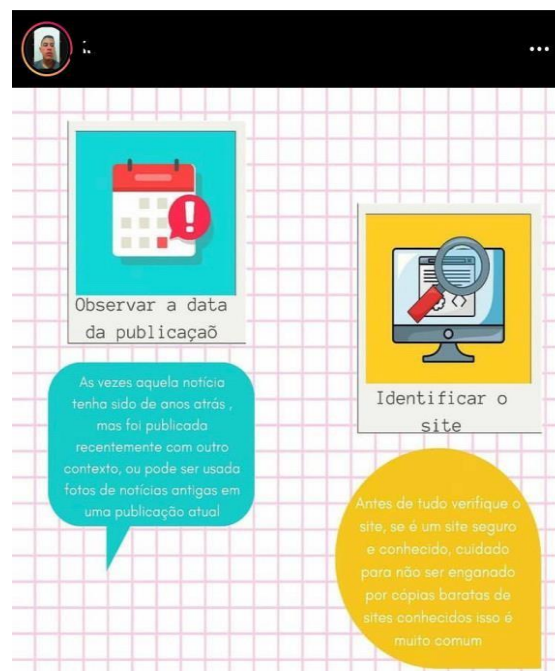
A postagem contendo seis imagens foi postada no *Instagram* pessoal do aluno. Na legenda, ele contextualiza o tema com a atual situação pandêmica. Nas imagens, ele lista os procedimentos de identificação e os explica, como pode ser observado nas figuras abaixo:

Figura 42 – Print da capa da postagem feita no *instagram* do aluno



Fonte: Autora, 2020.

Figura 43 – Print de uma parte da postagem do aluno



Fonte: Autora, 2020.

Figura 44 – *Print* da parte final da postagem do aluno



Fonte: Autora, 2020.

A intenção dessa última atividade era a de que esse produto pudesse chegar a outras pessoas, especialmente da mesma faixa etária que a deles/as, para que o conhecimento adquirido durante esses meses e atividades não ficasse somente entre os/as alunos/as que participaram.

A seguir, faremos uma análise discursiva das participações obtidas nessa pesquisa. Para tanto, utilizaremos os dados constantes nesta seção e analisaremos sob a ótica da Análise de Discurso brevemente exposta na seção 2 deste trabalho.

4.3.8 As evidências de sentido e o sujeito/aluno/a – uma análise dos dados

O objetivo da presente seção é analisar os gestos de leituras dos/as participantes, ou seja, dos/as alunos/as de 9º ano de uma escola pública do interior de Alagoas; para tanto, buscou-se criar estratégias de leitura capazes de identificar *Fake News* e problematizar os gestos de interpretação que levam tantas pessoas a caírem facilmente nessa rede de notícias falsas.

Nesta seção, faremos uma análise desses gestos a partir das atividades e trabalhos realizados ao longo do percurso e que foram descritas nas seções anteriores. A Análise do Discurso foi o dispositivo teórico-analítico escolhido.

Orlandi (2009) distingue as noções de inteligibilidade, interpretação e compreensão. A primeira é o reconhecimento do código, assim se um texto estiver escrito em português, por exemplo, qualquer pessoa letrada em português o achará inteligível; a interpretação depende do co-texto imediato, pois não basta dizer “ele disse isso”, pois não se saberá quem é esse “ele” e o que disse; enquanto a compreensão tenta entender o que tal discurso significa e suas implicações, ou seja, sua constituição (p. 26). Justamente por discutir sobre as evidências de sentidos de uma *Fake News*, sua constituição, formulação, como e para quem ela significa que a AD é o dispositivo que melhor se encaixa nos objetivos e na natureza da pesquisa realizada.

O analista dispõe de um dispositivo teórico para analisar discursos, mas, ao lançar mão de questões específicas sobre o discurso, usa também um dispositivo analítico. Assim, um mesmo discurso não será analisado da mesma forma por diferentes analistas, pois analistas distintos/as mobilizam conceitos diferentes. “Portanto, sua prática de leitura, seu trabalho com a interpretação, tem a forma de seu dispositivo analítico”. (ORLANDI, 2009, p. 27).

Como professora de Língua Portuguesa, na posição de professora-pesquisadora, ao utilizar as categorias da Análise do Discurso, precisei refletir sobre minha abordagem e prática acerca das aulas de interpretação de texto, pois é muito habitual fazer com que o/a aluno/a busque o único e inequívoco sentido presente no texto, no entanto:

Uma concepção discursiva de ideologia estabelece que, como os sujeitos estão condenados a significar, a interpretação é sempre regida por condições de produção específicas que, no entanto, aparecem como universais e eternas. Daí resulta a impressão do sentido único e verdadeiro. (ORLANDI, 2007, p. 65)

Dar-se conta de que as aulas de interpretação de texto, na sua maioria, limitam a compreensão do/a aluno/a por não levar em conta as condições de produção específicas do/a estudante no momento da leitura é doloroso. Por isso, ao trazer as categorias e as noções de compreensão da Análise do Discurso para as aulas de leitura, pretende-se ampliar a discussão sobre o discurso e sobre a produção de sentidos e sujeitos, conforme afirma Orlandi (2007, p. 50-51):

A questão seria então a de compreender que relações de sentidos estão determinando a necessidade desses gestos de interpretação? Que formações discursivas estão aí em jogo? Mesmo sem o saber, por que o sujeito imprime

esta e não aquela direção à argumentação? De que natureza são seus argumentos?

Para iniciar a discussão sobre o tema, como vimos, elaborei um questionário de sondagem para traçar os planos seguintes. Esse questionário trazia perguntas como: por onde eles/as mais se informavam, se eles/as buscavam outras fontes e veículos de comunicação sobre o mesmo fato, se eles/as já tinham recebido e/ou compartilhado *Fake News*. Para finalizar a sequência didática, outro questionário foi disponibilizado e, dentre as questões propostas, destacarei a última que perguntava: “Depois de tudo que foi discutido nesses encontros sobre *Fake News*, o que mudou na sua visão sobre o tema? Disserte”.

Mas, antes de comentar sobre as respostas dessa questão é preciso entender as posições ocupadas pelos sujeitos dessa pesquisa para fazer as análises das respostas. O/a aluno/a ocupa uma posição de sujeito-aluno e é prática comum a esse sujeito a resolução de questões; ele é, assim, “treinado” a ocupar essa posição de oposição ao/à professor/a, como bem afirma Orlandi (2009, p. 42 e 43):

[...] o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas tiram seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

A partir da formação discursiva a que se inserem nessas posições, os/as alunos/as tendem a responder o que acham que o/a professor/a quer e não no que eles/as acreditam, ou seja, suas respostas se inserem numa formação discursiva proveniente da formação ideológica a que suas posições pertencem, fazendo com que eles/as façam um levantamento do que pode e deve ser dito para satisfazer a professora. Exemplo disso foi quando eles/as foram questionados sobre se buscaram outra fonte de informação para um mesmo fato e dei três possíveis alternativas para que marcassem (sempre, depende da informação e nunca). Como é possível notar, trata-se de uma questão pessoal, que não tem uma resposta certa do ponto de vista teórico, mas há uma resposta adequada do ponto de vista moral. O resultado foi que 90,9% deles/as responderam que buscaram outras fontes dependendo da informação e 9,1% disseram que sempre buscaram outras fontes; ninguém disse que nunca faz essa busca. Ora, a busca de outras fontes de informação para o mesmo fato é uma das ações de checagem da veracidade da informação, se ninguém deixa de buscar outras fontes, então como, segundo uma pesquisa feita pela consultoria Ideia Big Data, realizada em 2019, “mostra que 52% das pessoas confiam em notícias enviadas pela família em mídias sociais, e 43% confiam naquelas mandadas por amigos?”. (MELLO, 2020, p. 33).

O mesmo fenômeno ocorre quando eles/as são perguntados se observam a fonte da notícia recebida, dentre as três alternativas disponíveis (sim, sempre; às vezes, em alguns textos; nunca), 72,5% afirmaram que às vezes fazem essa observação e 27,5% informaram que sempre checam a fonte; mais uma vez, ninguém respondeu que nunca deixa de observar a fonte. Muitas informações que nos chegam pelas redes sociais, especialmente no *whastapp*, não trazem uma autoria real ou autoria alguma e é justamente o *whatsapp*, segundo uma pesquisa encomendada em 2019 pelo Senado, a rede social usada frequentemente como fonte de informação para 79% dos/as brasileiros/as (MELLO, 2020, p. 33).

Percebe-se que os/as alunos/as optaram por marcar a alternativa mediana, aquela que nem mostra a indiferença deles/as sobre o tema, mas também não exagera essa participação; dessa forma, eles/as conseguem responder o que pensam que me agradará como professora, sem exagerar.

Sobre o fato de receberem e/ou compartilharem *Fake News*, disponibilizei três alternativas (já recebi *Fake News*, mas nunca compartilhei; já recebi e compartilhei *Fake News*; e nunca recebi *Fake News*). 63,6% disseram que já receberam, mas nunca compartilharam *Fake News*; 25% afirmaram já terem recebido e compartilhado notícias falsas; somente 11,4% informaram que nunca receberam *Fake News*. Destaco a resposta de cinco alunos/as de nunca terem recebido *Fake News*.

No entanto, é preciso ressaltar que, segundo Grigoletto e Silva Sobrinho (2019, p. 108):

Cabe observar que esses discursos, em seu funcionamento e em seus efeitos de sentidos que circulam nas mídias sociais, nem sempre são chamados de fake news ou reconhecidos como tais; em sua maioria, são vistos em seu caráter “informativo”, como se fossem tipos de mensagens que querem “alertar” o leitor “desavisado”.

Os textos, assim, recebidos nas redes sociais possuem evidências de sentidos, é também o que nos aponta uma pesquisa realizada em 2018, pela Ipsos Mori, que “ouve mais de 19 mil pessoas em 27 países e mostrou que, no Brasil, 62% das pessoas afirmavam já ter acreditado em uma notícia para depois descobrir que era falsa – o mais alto índice entre as nações pesquisadas” (MELLO, 2020, p. 40).

A última questão do último questionário foi aberta para que os/as alunos/as respondessem. De certa forma, a questão induz a uma “resposta correta ou aceitável”, visto que nela se subentende que algo na visão deles/as sobre o tema tenha mudado. Pedi para que eles/as listassem essas mudanças; não há espaço, na pergunta, para quem não percebeu

nenhuma mudança sobre o tema ao longo das atividades propostas. Os/as alunos/as, ocupando essa posição de sujeito/aluno, compreenderam qual resposta era esperada deles/as. Somente um/a aluno/a informou que “muita coisa não porque já estava por dentro de quase tudo” (Aluno/a A). A maioria listou, como no exemplo: “Sim porque não se sabe muita coisa sobre o vírus e governantes passam as informações de acordo com o que convém a eles” (Aluno/a B).

Como sujeitos inseridos numa formação ideológica, temos certa noção sobre que formações discursivas estão a nossa disposição, ou seja, sabemos qual discurso é aceitável sobre determinado tema e o usamos em público, mas a prática desse discurso acaba falhando; assim ocorre com as *Fake News*, se perguntarmos a um/a cidadão/ã hoje o que ele/a acha sobre o tema, provavelmente receberemos a resposta aceitável de condenação da prática de não checagem e disseminação, mas os números e a crescente onda de grupos que baseiam suas crenças e ações em informações falsas crescem no país todo.

Na terceira atividade (descrita na seção 4.3.3), o objetivo era fazê-los/as entender como a indústria das *Fake News* funcionam e como nosso papel enquanto leitores/as e possíveis disseminadores/as é importante na manutenção do sistema, pois, apesar de haver essa grande indústria financiada para espalhar essas notícias, utilizando *bots*⁶, de nada adiantaria se não existissem pessoas reais que acreditassem e as espalhassem.

Dessa atividade, destacarei duas questões para análise. A primeira delas tem como enunciado “O desenho é de 1943, ou seja, de 77 anos atrás, mas é bastante atual. Trazendo essa história para a nossa realidade, quem ou o que você acha que exerceria o papel das personagens Dr. Galo, as galinhas, os perus, os patos, o pintinho e a raposa?”. Essa questão tenta levar os/as alunos/as a fazerem um paralelo entre as personagens dessa fábula com pessoas ou cargos reais da sociedade atual e, com isso, começarem a entender a estrutura social e quem está por trás da manipulação. A maioria das respostas mostrou a dificuldade que tiveram em fazer essa associação de forma específica, apontando cargos reais, como no exemplo “as pessoas mais espertas fariam o papel do Dr. Galo, as pessoas que são mentirosas que enganam outras pessoas para dar golpes fariam o papel da raposa e as pessoas influenciadas fáceis de enganar fariam o papel do pintinho” (Aluno/a A), ou ainda, “as pessoas mais espertas exerceriam o papel do Dr. Galo, as pessoas que são mais fáceis de serem influenciadas exerceriam o do pintinho e as mais golpistas que transmitem falsas notícias exerceriam o da raposa” (Aluno/a B). Essas respostas, que foram constantes com

⁶ Versão resumida da palavra inglesa *robot* (robô), é uma ferramenta que executa funções em massa e repetidas vezes e busca interagir simulando a forma de pensar humana.

outros/as alunos/as, não nomeiam pessoas ou cargos, são respostas generalizadas; somente 5 dos/as 27 alunos/as participantes dessa atividade associaram os animais da história com pessoas ou cargos específicos, como no exemplo:

O galo seria o jornalista, o pintinho seria uma das pessoas que acredita em tudo que ver, os perus seria as pessoas mais velhas ou sérias que tem conhecimento, porém pode se enganar, a raposa seria alguém que faz parte de um grupo político (ou um político) que quer atrair gente para o seu lado, as galinhas seria as pessoas que compartilham fake news. (Aluno/a C).

Ou em:

A raposa, infelizmente pode ser facilmente representada pelos políticos, o pintinho pode ser os defensores dos políticos, o Dr. Galo pode ser o jornalismo, os perus, seriam os cientistas, sociólogos ou até os filósofos (em uma hipótese muito distante da realidade, é claro) e os demais habitantes seriam as pessoas que os políticos querem "dominar". (Aluno/a D).

Para finalizar essa atividade, gravei um vídeo discutindo e comentando a história e disponibilizei o *link* do *Youtube* em que o postei para que eles/as fizessem a correção (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L0Z1mJtVlyY>). No vídeo, que conta com 32 visualizações, frisei que não existia uma resposta única e correta, mas que as associações que eu fiz ao assistir ao curta contemplam formações ideológicas específicas, que denominei como visão de mundo e de sociedade. Assim, o pintinho seria um líder pequeno, sem muito destaque que foi convencido de que era grande e de que sua agenda precisava de maior espaço na sociedade; a raposa seria a personificação do capitalismo influenciando esses escolhidos para assegurar sua manutenção; o Dr. Galo poderia ser a personificação de jornalistas e dos checadores de fatos, pessoas comprometidas com os fatos; os perus são os intelectuais, estudiosos; as galinhas são a sociedade, as pessoas que recebem e compartilham informações, sejam elas verdadeiras ou falsas.

Foi somente a partir do quinto momento que os/as alunos/as tiveram contato com peças de desinformação (conforme descrito na seção 4.3.5). Dessa atividade, analisarei, de forma geral, os métodos usados por eles/as para classificar a informação como verdadeira ou falsa e suas compreensões sobre os perigos de se acreditar numa *Fake News*. Dos 7 trabalhos apresentados, somente uma aluna respondeu que pesquisou no *site* da Agência Lupa para verificar a informação do texto analisado, os/as demais alunos/as utilizaram a dedução, ou melhor dizendo, recorreram à memória discursiva para identificar a veracidade ou não da informação; é essa mistura entre não checagem e fazer sentido de acordo com o que acreditamos que é uma receita infalível para que as *Fake News* sejam vistas como discursos

com evidência de sentido. Assim, após as apresentações, houve um momento de discussão com os/as alunos/as para que pudessem refletir sobre suas respostas e dificuldades, além de debater sobre a importância de fazer uma checagem completa da informação antes de dar credibilidade a ela e compartilhá-la.

Além disso, na última questão, indago sobre os perigos de se acreditar nessas notícias referentes à Covid-19 e todos/as os/as aluno/as mostraram que perceberam que acreditar em *Fake News* é perigoso e é uma prática que precisa ser combatida, como no exemplo: “o perigo é que muitas pessoas acabam compartilhando uma notícia ao menos sem ter certeza se é falsa ou se é verdadeira e cada compartilhamento gera mais visualizações e mais pessoas acabam acreditando” (Aluno/a A); ou no exemplo: “Sim, é perigoso acreditar e compartilhar esse tipo de informação, pois vai contra o que instituições sérias e médicos especialistas de todo o mundo vem falando desde o começo da pandemia” (Aluno/a B).

Nesta seção, foram descritas as atividades realizadas ao longo do ano letivo e as análises dos dados coletados. Pudemos perceber uma evolução quanto ao posicionamento dos/as estudantes sobre o tema abordado e essa é uma discussão não só atual, como também necessária, pois, enquanto não se entender, de fato, os perigos de se acreditar numa notícia falsa, especialmente quando referente a uma doença num momento de pandemia, o combate às *Fake News* continuará sendo urgente e, por isso, precisa adentrar de uma vez por todas nas salas de aula por todo Brasil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano de 2020 foi desafiante para todos/as, mas para a educação foi momento de adequação às condições imediatas postas, muitas vezes, de modo precário e ainda mais seletivo, tanto para alunos/as quanto para professores/as. Fomos pegos/as de surpresa e, na sua maioria, despreparados/as para o que o ano letivo de 2020 exigiria de todos/as nós. O celular, para quem o possui, cujo uso na sala de aula antes era condenado, transformou-se numa ferramenta de auxílio pedagógico indispensável; “acostumarmo-nos” com o fato de ter nossos números pessoais de telefone disponíveis para alunos/as que, muitas vezes, mandam-nos mensagens sem respeitar dia e horário, é uma realidade à qual temos que nos adaptar; além de inúmeros novos grupos de *whatsapp*, inúmeras notificações de mensagens privadas e das secretarias de educação, tão desorientadas quanto nós, fazendo exigências destoantes da realidade objetiva vivida.

Apesar de a sociedade, especialmente pais e mães de alunos/as terem percebido, pelo trabalho que tiveram em educá-los/as em casa, que estar numa sala de aula lotada com 40 ou 50 alunos/as é realmente um trabalho difícil, como confirma uma pesquisa do instituto Datafolha, em que “71% dizem que estão valorizando mais o trabalho do professor, e 51% afirmam que os alunos estão participando mais das aulas” (OLIVEIRA, 2020); ainda se pode encontrar uma parcela da sociedade que acredita que sequer trabalhamos esse ano letivo e que, ao insistirmos em que as aulas presenciais não retornem, queremos continuar não trabalhando, pensamento endossado pelo Presidente da República Jair Messias Bolsonaro, que disse em uma de suas *lives*:

Ficam ouvindo sindicato de professores. Pessoal deve saber como que é composto a ideologia dos sindicatos dos professores pelo Brasil quase todo. É um pessoal de esquerda radical. Para eles tá bom ficar em casa, por dois motivos: primeiro eles ficam em casa e não trabalham, por outro colabora que a garotada não aprenda mais coisas, não volte a se instruir. (BOLSONARO *apud* ROCHA, 2020)

Através das aulas ao longo do ano letivo, pude observar um fenômeno que se repetiu em todo o país: a diminuição da participação dos/as alunos/as nas atividades remotas. Tudo isso compôs as condições de produção da presente pesquisa. Todo o projeto de pesquisa elaborado para este trabalho passou por grandes adaptações para ser aplicado nesse atípico ano letivo.

Na medida em que a frustração ganhou espaço durante o caminho trilhado, essas condições de produção específicas apontaram com maior ênfase o quanto o tema e os

objetivos aqui pretendidos são cada vez mais importantes. Ratificando Paulo Freire (2002, p. 14):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

E nesse percurso, a busca, a indagação, a constatação e o aprendizado foram elementos constantes na minha prática. Entender que não seria a quantidade o elemento essencial das participações, mas sua qualidade, mesmo que somente com 6 alunos/as interagindo. Entender que o ensino-aprendizado e a reflexão sobre o que foi discutido é uma semente que poderá dar frutos mais adiante e alcançar outras pessoas no futuro e, principalmente, perceber que a sociedade está abrindo os olhos para a importância de se discutir em sala de aula sobre os efeitos das mídias sociais e das *Fake News* e, enfim, perceber que esta pesquisa pode ajudar a trilhar esse caminho soterram a frustração advinda de tantas expectativas criadas antes da pandemia.

Foram vários os empecilhos enfrentados pelos/as alunos/as ao longo desse ano letivo, desde dificuldade de acesso a um celular e/ou à internet, adoecimento deles/as ou dos familiares, relatos de aumento de crises de ansiedade, depressão, até mais dificuldade em se organizar para estudar sem um/a professor/a na sala de aula presencial que proporciona a troca habitual de conhecimento com maior liberdade e participação. Por isso, no decorrer das aulas e especialmente das sete atividades aplicadas para esta pesquisa, sempre preocupada em não prejudica-los/as tanto no acesso quanto na saúde (física e mental), não colocava prazos para as realizações das atividades. Pude notar que seis alunos/as, entre as duas turmas, foram presenças fiéis em todos os trabalhos solicitados e sempre demonstraram dedicação e preocupação em fazer da melhor forma tudo que lhes era pedido. Convicta de que eles/as ainda ouvirão e estudarão mais sobre isso no decorrer do ensino médio, assegurada pelas diretrizes presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as sementes sobre os perigos e a importância de se estar atento/a à desinformação foram lançadas durante esta pesquisa.

Por se tratar de uma pesquisa-ação para conclusão do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, além dos objetivos de pesquisa traçados e descritos, essa experiência deve nos guiar para a análise da nossa própria prática e que precisamos ocupar com frequência essa posição de sujeito-pesquisador; por isso, quem obteve maior aprendizado no decorrer dessas

atividades e de toda a pesquisa fui eu. Utilizando-me do ditado popular “santo de casa não faz milagre”, precisei entender que, apesar de estar discutindo com meus/minhas alunos/as adolescentes sobre *Fake News* e desinformação, e alertando-os/as sobre as suas consequências, especialmente durante uma pandemia como a enfrentada em 2020, tive que lidar com o fato e a frustração de que não conseguiria fazer esse trabalho de conscientização com pessoas tão próximas a mim que se alimentaram com frequência das *Fake News* para relativizar a doença e politizá-la. No entanto, essa frustração também serviu de combustível para ter certeza de que o trabalho que iniciei, e não termina com essa dissertação, é essencial e que parar não é uma opção. Continuar fazendo leituras críticas é uma questão de ética e responsabilidade, como diria Pêcheux (2008, p. 57).

O caminho ainda é longo, mas os primeiros passos estão sendo trilhados na busca de uma sala de aula que atenda às demandas sociais e, especificamente nas aulas de Língua Portuguesa, que a prática de lidar com leitura e interpretação atenda criticamente às novas condições de produção trazidas pelas redes sociais, ambiente em que os/as jovens, em sua maioria, estão cada vez mais inseridos/as; e que essa pesquisa possa servir de suporte para demais professores/as de Língua Portuguesa ao lidarem com as *Fake News* em suas salas de aula. O que 2020 nos deixou de lição e, no caso de nós, professores/as, reforçou, é que o ser professor/a precisa estar em constante mudança e evolução, portanto estudar, ensinar, aprender, pesquisar, questionar, criticar e apontar soluções também fazem parte do nosso trabalho.

REFERÊNCIAS

AIDAR, Flávia; ALVES, Januária Cristina. **Como não ser enganado pelas fake news**. São Paulo: Moderna, 2019.

AMANDA RIBEIRO (AOS FATOS) (Minas Gerais). Em três meses, desinformação sobre Covid-19 foi de cura milagrosa à politização do isolamento. **Aos Fatos**, 2020. Disponível em: <http://aosfatos.org/noticias/em-tres-meses-desinformacao-sobre-covid-19-foi-de-cura-milagrosa-a-politizacao-do-isolamento/>. Acesso em: 30 abr. 2020

AVAAZ. O Brasil está sofrendo uma infodemia de COVID-19. 04 maio 2020. Disponível em: https://secure.avaaz.org/campaign/po/brasil_infodemia_coronavirus/. Acessado em: 18 jun 2020.

BRAGA, Renê Moraes da Costa. A indústria das fake news e o discurso de ódio. In: PEREIRA, Rodolfo Viana (Org.). **Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio**. Belo Horizonte: IDDE, 2018. p. 203-220. v. 1. Disponível em: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/4813>. Acesso em: 05 de maio de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 03 jul. 2019.

CAMPOS, Lorraine Vilela. "O que são Fake News?". **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilestola.uol.com.br/curiosidades/o-que-sao-fake-news.htm>. Acesso em: 03 ago 2019.

CARNEIRO, Eduardo de Araújo. Análise do Discurso: notas introdutórias (Apêndice). In: CARNEIRO, Eduardo de Araújo. **O Discurso Fundador do Acre: heroísmo e patriotismo no último oeste**. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras)– Linguagem e Identidade, Departamento de Letras, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, – Ac, 2008.

CRUZ, Elaine Patricia. Brasil tem 24,3 milhões de crianças e adolescentes que usam internet: Número equivale a 86% das pessoas entre 9 e 17 anos, diz pesquisa. **Agência Brasil**, São Paulo, 17 set. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-09/brasil-tem-243-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-utilizando-internet>. Acesso em: 26 jun. 2020.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-Verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de FAKE NEWS**. Barueri: Faro, 2018.

DARNTON, Robert. **A verdadeira história das notícias falsas**. 2017. Disponível em: <https://www.nybooks.com/daily/2017/02/13/the-true-history-of-fake-news/>. Acesso em: 08 jun. 2020.

FALLON, Claire. De onde vem o termo "Fake News"? Da década de 1890, ao que tudo indica. 2017. **Huffpostbrasil**. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2017/04/05/de->

onde-vem-o-termo-fake-news-da-decada-de-1890-ao-que-tudo_a_22027223/. Acesso em: 09 maio 2020.

FIÚZA, Patricia; PIMENTEL, Thaís. Mulher que divulgou vídeo fake de caixão com pedras, em BH, pede desculpas; 'muito abalada', diz advogado. 2020. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/05/05/mulher-que-divulgou-video-fake-de-caixao-com-pedras-em-bh-pede-desculpas-muito-abalada-diz-advogado.ghtml>. Acesso em: 01 jun. 2020.

FLORENCIO, Ana Maria Gama *et al.* **Análise do Discurso: fundamentos e prática**. Maceió: Edufal, 2016.

FONTANA, Monica G. Zoppi. Pós-Verdade: Léxico, enunciação e política. In: OLIVEIRA, Rosimar Rodrigues de *et al.* (Org.). **Linguagem e significação: práticas sociais**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2018. p. 133-165.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GASPARINI, Edmundo Narracci. Análise do Discurso e Leitura. **Raído**, Dourado, v. 9, n. 19, p.11-21, jun. 2015.

GRIGOLETTO, Evandra; SILVA SOBRINHO, Helson. Fake news: discrepância de sentidos e efeitos sobre as resistências. **Caderno de Letras Uff**, Niterói, v. 30, n. 2, p.97-113, out. 2019.

HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. A Semântica e o Corte Saussuriano: Língua, Linguagem, Discurso. In: **Langage**, n. 24, Paris: Didier/Larousse, 1971.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade: notas sobre a mentira na era Trump**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

MANDELLI, Mariana; GALANTE, Isabella. A urgência da educação midiática: Com a nova BNCC, professores precisam pensar midiaticamente suas aulas. **Educamídia**, [S. l.], 3 out. 2019. Colunas e Artigos. Disponível em: <https://educamidia.org.br/a-urgencia-da-educacao-midiatica/>. Acesso em: 6 jul. 2020.

MARIANI, Bethania. Discursividades prêt-à-porter, funcionamento de fake news e processos de identificação. **Entremeios**, Revista de Estudos do Discurso, [s.l.], v. 17, n. 17, p.3-18, 31 dez. 2018. Programa de Pos-Graduacao em Ciencias da Linguagem - PPGCL/UNIVAS. <http://dx.doi.org/10.20337/issn2179-3514revistaentremeiosvol17pagina3a18>

MELLO, Patrícia Campos. **A Máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MORAES, Maurício. Brasil lidera desinformação sobre número de casos e mortes por covid no mundo. 2020. **Agência Lupa**. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/06/11/coronaverificado-numero-casos-mortes/>. Acesso em: 12 jun. 2020.

OLIVEIRA, Elida. Percentual de alunos desmotivados em estudar na pandemia chega a 54% em setembro, diz pesquisa. **G1 Educação**, 09 nov 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/11/09/percentual-de-alunos-desmotivados-em-estudar-na-pandemia-chega-a-54percent-em-setembro-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 14 dez 2020.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Princípios e Procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Punicceli. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4. Ed. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2007.

PAGANOTTI, Ivan; SAKAMOTO, Leonardo; RATIER, Rodrigo. **Curso Online Vaza Falsiane**. 2018. Disponível em: <https://vazafalsiane.com/>. Acesso em: 10 jan 2020

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. 5. ed. Campinas; Pontes, 2008.

PINTO JUNIOR, Vitor Laerte. Anti-vacinação, um movimento com várias faces e consequências. **Cadernos Ibero-americanos de Direito Sanitário**, Brasília, v. 8, n. 2, p.116-122, jun. 2019.

RESENDE, Leandro. **Fake News: usar ou não usar esta expressão?** 2017. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2017/12/23/fake-news-dizer-ou-nao-dizer/>. Acesso em: 22 fev. 2020.

RICHTTEL, Matt (Ed.). OMS combate uma epidemia além do Coronavírus: uma 'infodemia'. 2020. **New York Times**. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,oms-combate-uma-epidemia-alem-do-coronavirus-uma-infodemia,70003189336> . Acesso em: 07 fev. 2020.

ROCHA, Lucas. Bolsonaro ataca professores e diz que eles não querem trabalhar. **Revista Forum**, 17 set 2020. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/bolsonaro-ataca-professores-e-diz-que-eles-nao-querem-trabalhar/>. Acesso em: 14 dez 2020.

ROSUMÉK, Gisele Baumgarten; GERALDO, Emerson José; BROD, Marta. Hábitos de consumo de notícias em meios digitais dos moradores de Blumenau/SC. **Revista de Extensão e Iniciação Científica da Unisocietec**, Blumenau/sc, v. 8, p. 1-23, 20 dez. 2020. Disponível em: <http://dalfovo.com/ojs/index.php/reis/article/view/181/178> . Acesso em: 01 fev. 2021.

SALAS, Paula. Cuidado com a fábrica de mentiras: as redes sociais ampliaram o alcance da desinformação. Prepare os alunos para não caírem nas notícias falsas que circulam na internet.

Revista Nova Escola, ed. 312, 02 maio 2018. Disponível em:

<https://novaescola.org.br/conteudo/11701/cuidado-com-a-fabrica-de-mentiras>. Acesso em: 15 dez 2019

SANTANA, Lucas. Professores na pandemia: "de repente, nossas vidas mudaram da água pro vinho". **Nova Escola**, ago. 2020. Disponível em:

<https://novaescola.org.br/conteudo/19604/professores-na-pandemia-de-repente-nossas-vidas-mudaram-da-agua-para-o-vinho> . Acesso em: 14 dez 2020.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação. **Comunicação & Educação**, ano XIX, nº 2, 2014.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

ANEXOS

Anexo A – Decreto Municipal nº 09/2020, de 17 de março de 2020.



**DECRETO MUNICIPAL N.º 09/2020
DE 17 DE MARÇO DE 2020.**

DECRETA MEDIDAS TEMPORÁRIAS DE PREVENÇÃO AO CONTÁGIO PELO NOVO CORONAVÍRUS (COVID- 19) CONSIDERANDO A CLASSIFICAÇÃO DE PANDEMIA PELA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS) E DA OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE GIRAU DO PONCIANO/AL, no uso da atribuição que lhe confere a Lei Orgânica do Município.

CONSIDERANDO a Declaração de Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional pela Organização Mundial da Saúde em 30 de janeiro de 2020, em decorrência da Infecção Humana pelo novo coronavírus (COVID-19);

CONSIDERANDO que a classificação da situação mundial do Novo Coronavírus como pandemia significa o risco potencial de a doença infecciosa atingir a população mundial de forma simultânea, não se limitando a locais que já tenham sido identificadas como de transmissão interna;

CONSIDERANDO os termos da Lei Federal n.º 13.979, de 06 de fevereiro de 2020, que dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019;

CONSIDERANDO os termos da Portaria do Ministério da Saúde n.º 356, de 11 de março de 2020, que dispõe sobre a regulamentação e operacionalização do disposto na Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que estabelece as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19);

CONSIDERANDO os termos do Decreto Estadual n.º 69.501, de 13 de março de 2020, que dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do COVID-19 (CORONAVÍRUS), e dá outras providências;

1 de 6 páginas



CONSIDERANDO os termos do Decreto Estadual n.º 69.502, de 13 de março de 2020, que institui medidas temporárias de enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do COVID-19 (CORONAVÍRUS), no âmbito dos órgãos e entidades da administração direta e indireta do Poder Executivo Estadual, e dá outras providências;

CONSIDERANDO a rápida transmissão da COVID-19 em escala mundial, conforme amplamente noticiado pelas várias plataformas de notícias e tabloides do globo;

CONSIDERANDO a necessidade de se manter a prestação dos serviços públicos municipais, sem aglomerações de pessoas independentemente do número de aglomerados;

CONSIDERANDO a necessidade de divulgação dos procedimentos a serem adotados pelos órgãos municipais aos casos suspeitos de COVID-19 e de pessoas oriundas de epicentros da doença;

CONSIDERANDO a necessidade de manutenção dos serviços municipais de saúde de forma ordeira e organizada;

CONSIDERANDO a necessária adoção e informação de hábitos de higiene básicos aliada com a ampliação de rotinas de limpeza em áreas de circulação são suficientes para a redução significativa do potencial do contágio;

RESOLVE:

Art. 1º - Decreta medidas temporárias de prevenção ao contágio pelo Novo Coronavírus (COVID-19) no âmbito do Município de Girau do Ponciano.

TÍTULO I

Do Grupo Técnico do Plano Municipal de Contingência do Novo Coronavírus (COVID-19)

Art. 2º - Fica criado o Grupo Técnico do Plano Municipal de Contingência do Novo Coronavírus, tendo assento todos os secretários municipais, mais os profissionais abaixo relacionados:

2 de 6 páginas



- I – Coordenadora Municipal de Atenção Básica;
- II – Coordenadora de Saúde Bucal;
- III – Coordenadora de Vigilância à Saúde;
- IV – Gerente Pedagógica;
- V – Chefe da Assessoria de Comunicação (ASCOM).

Art. 3º - O Grupo Técnico - GT tem competência deliberativa com a finalidade de aplicar as diretrizes e recomendações dos órgãos nacionais de saúde no sentido de promover o enfrentamento emergencial de saúde decorrente do coronavírus no Município de Girau do Ponciano.

§1º - O GT deverá elaborar um plano municipal de enfrentamento emergencial ao coronavírus;

§2º - O GT deverá editar instruções normativas, no sentido de uniformizar ações e procedimentos de rotina a serem adotados em todos os órgãos públicos municipais, sem que haja necessidade de chancela do Chefe do Poder Executivo Municipal.

TÍTULO II

Dos Procedimentos Adicionais a serem adotados pelos Profissionais da Saúde aos casos suspeitos de COVID-19

Art. 4º - Os profissionais de saúde deverão observar as disposições da Lei Federal n.º 13.979/2019 e da Portaria MS n.º 356/2020, além das seguintes disposições:

§1º - A Secretaria de Saúde e demais autoridades municipais, sempre que tomarem notícias de munícipes ou pessoas em permanência no Município oriundas de epicentros do COVID-19, inclusive os nacionais, a exemplo do eixo Rio-São Paulo, deverá deslocar equipe de profissionais com o intuito de averiguar sintomatologias da doença e devida adoção dos procedimentos necessários;

§2º - Considerando o período de latência da doença de forma assintomática os profissionais de saúde podem solicitar aos munícipes ou pessoas em permanência no Município, desde que oriundas de epicentros do COVID-19, inclusive os nacionais, que se submetam a testes e exames no intuito de detectar prematuramente a doença, podendo adotar para tanto quarentena até que os resultados dos testes e exames sejam obtidos;

3 de 6 páginas



§3º - O município viabilizará, os meios necessários a realização dos testes e exames perante os laboratórios nacionais descritos no art. 8º da Portaria MS n.º 356/2020, seja por meio de convênios seja por meio de numerário próprio;

§4º - Em caso de confirmação da doença, os profissionais de saúde adotarão os procedimentos previstos na legislação pertinente quanto à notificação dos casos perante as autoridades de saúde nacionais, no entanto resguardando a imagem e a dignidade do enfermo e de seus familiares, principalmente perante as redes sociais.

TÍTULO III

Das Medidas Temporárias de Prevenção ao Contágio pelo Novo Coronavírus (COVID-19) em âmbito Municipal

Art. 5º - Ficam suspensas as aulas da rede municipal de ensino no período de 17.03 à 29.03.2020, pondo a salvo a possibilidade de revogação ou prorrogação pelo período que se reputar necessário.

§1º - O período citado no *caput* se dá a título de antecipação de férias, a ser deduzido do período de férias do meio do ano e de uma parte do período de férias do final do ano, conforme calendário letivo de 2020;

§2º - A disposição do *caput* também se aplica as atividades desenvolvidas no Centro de Educação Profissional - CEP e nas instituições de ensino particulares que igualmente fazem parte da rede municipal de ensino;

Art. 6º - Ficam suspensas as consultas agendadas nas Unidades Básicas de Saúde - UBS, mantendo-se os atendimentos das demandas espontâneas, emergenciais e de urgências, no período de 17.03 à 29.03.2020, pondo a salvo a possibilidade de revogação ou prorrogação pelo período que se reputar necessário.

Parágrafo único - A disposição do *caput* tanto se aplica aos atendimentos médicos, odontológicos e de enfermagem e demais profissionais da rede municipal de saúde.

Art. 7º - Ficam suspensos os grupos desenvolvidos no Centro de Referência em Assistência Social - CRAS e no Centro de Referência Especializada de Assistência Social - CREAS no período de 17.03 à 29.03.2020, pondo a salvo a possibilidade de revogação ou prorrogação pelo período que se reputar necessário.



TÍTULO IV

Das Manutenção das Atividades das Secretarias Municipais e Dos Afastamentos dos Servidores que se Enquadram nos Grupos de Risco

Art. 8º - Ficam mantidas as atividades de todas as Secretarias Municipais durante o período de 17.03 à 29.03.2020, até ulterior deliberação.

Art. 9º - Todos os servidores do Município, durante a vigência do presente normativo, poderão solicitar seu afastamento de suas atividades, cujos critérios de medição serão firmados entre o servidor e o chefe de sua unidade de lotação, principalmente aqueles maiores de 60 anos, grávidas e aqueles portadores de doenças crônicas (diabéticos, hipertensos, oncológicos, doentes respiratórios crônicos e cardiopatas) que compõem risco de aumento de mortalidade por COVID-19.

Parágrafo único – A condição de portador de doença crônica exigida no caput poderá ser comprovada por meio de relatório médico, a critério da chefia imediata.

TÍTULO IV

Das Suspensão de Shows e Eventos Públicos

Art. 10 - Ficam suspensos no período de 17.03 à 29.03.2020, *shows*, eventos e espetáculos em público, seja de iniciativa pública ou particular, independentemente do número de pessoas em estado de aglomeração, até ulterior deliberação.

Parágrafo único – A disposição do caput também se aplica a eventos esportivos em todo território municipal.

TÍTULO V

Da Publicização e Combate as Fake News no enfrentamento ao Novo Coronavírus (COVID-19)

Art. 11 - O Município viabilizará por meio de sua Assessoria de Comunicação – ASCOM a devida publicização de medidas preventivas e de esclarecimentos a toda população Girauense, seja por meio de redes sociais e de seu site (giraudoponciano.al.gov.br) seja por meio de anúncios em rádio e demais veículos de anúncio, como medida de evitar e combater as notícias falsas (*fake news*).

5 de 6 páginas



TÍTULO VI

Das medidas de Prevenção Enfrentamento Individual e Coletiva ao Novo Coronavírus (COVID-19)

Art. 12 - O Município disponibilizará em todas as repartições públicas dispenser (recipiente) contendo álcool em gel a base de 70%.

Art. 13 - O Município disponibilizará a todos os servidores que integram a frente de combate ao Coronavírus (COVID-19) equipamentos de proteção individual (EPI's).

Art. 14 - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 15 - Revogam-se as disposições em contrário.

Girau do Ponciano/AL, 17 de março de 2020;
198º da Independência, 131º da República e 62º da Emancipação.

DAVID RAMOS DE
BARROS 00750460407

Assinado eletronicamente pelo(a)
DAVID RAMOS DE
BARROS 00750460407
Data: 2020.03.17 14:01:41 -0100

DAVID RAMOS DE BARROS
Prefeito